



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**NOTÍCIAS DO RIO:  
OUTRAS NARRATIVAS POSSÍVEIS**

AMANDA SUELEN FREIRE PRADO

RIO DE JANEIRO

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
JORNALISMO

**NOTÍCIAS DO RIO:  
OUTRAS NARRATIVAS POSSÍVEIS**

Trabalho Prático submetido à Banca de Graduação da Escola de Comunicação (ECO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) como requisito para obtenção do diploma de Comunicação Social / Jornalismo.

**AMANDA SUELEN FREIRE PRADO**

**Orientadora: Profa. Dra. Cristina Rego Monteiro da Luz**

RIO DE JANEIRO

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o Projeto Prático **Notícias do Rio: outras narrativas possíveis**, elaborado por Amanda Suelen Freire Prado.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia ...../...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Rego Monteiro da Luz  
Doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação - UFRJ  
Departamento de Comunicação - UFRJ

Profa. Dra. Consuelo da Luz Lins  
Pós-doutora em Cinema e Audiovisual pela Universidade de Paris 3  
Departamento de Comunicação - UFRJ

Profa. Dra. Patrícia Cardoso D'Abreu  
Doutora em Comunicação Social Universidade Federal Fluminense - UFF  
Departamento de Comunicação – UFF

Rio de Janeiro

2017

## FICHA CATALOGRÁFICA

PRADO, Amanda Suelen Freire.

Notícias do Rio: outras narrativas possíveis. Rio de Janeiro, 2017.

Projeto prático (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação  
– ECO.

Orientadora: Cristina Rego Monteiro da Luz

PRADO, Amanda Suelen Freire. **Notícias do Rio: outras narrativas possíveis.**  
Orientadora: Cristina Rego Monteiro da Luz. Rio de Janeiro: UFRJ/ ECO. Projeto  
Prático em Jornalismo.

## RESUMO

Este trabalho prático de conclusão apresenta cinco crônicas-reportagens que surgiram a partir de um olhar *flâneur* para a cidade do Rio de Janeiro. As reportagens, produzidas em texto, foram desenvolvidas por meio de entrevistas e observações de campo entre junho de 2015 e agosto de 2017. Trata-se de uma experiência na contramão do fluxo tradicional de produção jornalística, em que geralmente as pautas partem da redação para a rua, e não o contrário. É o retrato subjetivo da busca de uma jovem repórter por escutar as vozes que os passantes apressados da metrópole e o jornalismo imediato muitas vezes não escutam. Aqui, os holofotes se acendem diante do cotidiano comum e de pessoas marginalizadas socialmente. A aposta é a de que toda história pode ser uma “grande história” e que, para encontrá-las, é preciso andar com ouvido atento. O trabalho apresenta o processo de produção do projeto, desde a idealização, passando pela maneira como surgiram os encontros com cada personagem, como foram feitas as abordagens e as entrevistas até a concepção final. Além disso, há, na parte teórica, uma contextualização histórica dos entrelaçamentos entre jornalismo e literatura no Brasil e uma reflexão sobre a potência do mistério humano para pensarmos o nosso tempo. É um resgate do jornalismo “olho no olho”, avesso ao automatismo cômodo cada vez mais acelerado num contexto de internet.

Palavras-chave: Reportagem. Crônica. *Flâneur*. Escuta. Subjetividade.

## **Dedicatória**

aos milhões de brasileiros e brasileiras  
que não chegaram à universidade,  
mas pagaram para que eu descobrisse  
um mundo que eles não viram.

## AGRADECIMENTOS

Talvez a palavra que eu mais tenha escutado nesses anos de vida no Rio de Janeiro foi “coragem”. Quanta coragem em mudar! Quanta coragem em largar tudo assim, amigos e família. Quanta coragem para apostar em um sonho, tão nova... Muitos disseram. E eu, lá no início, ainda sem entender que essa força que brotava de dentro era o que chamavam de “coragem”. Vim. Mas só vim porque um monte de gente me deu a mão. E só continuo indo e, no futuro, vou, porque tem muito abraço que me sustenta, mesmo à distância. Veem em mim coragem, mas são eles que me dizem, sem dizer: vá.

Não lembro de pensar sobre medo ou coragem antes de partir, só lembro que sentia um impulso profundo incendiando todos os desejos. Foi incrível vir. O primeiro maior sonho era “fazer Jornalismo”. Estou fazendo, e devo muito a:

**À minha família**, pela vida, por ter confiado em todas as minhas aventuras na terra distante; ao meu pai, minha mãe, minha irmã; às minhas avós, ao meu tio Wilson que acreditou que eu seria jornalista antes mesmo eu ter certeza, e todos que me alimentaram de amor, onde colho sempre a minha melhor face.

**Às meninas** que me asseguram a alma nos dias alegres e tristes e que, se não existissem, eu precisaria inventar: Ana Karina Rosal, Vitória Borges, Thiara Barbosa, Brena Carvalho, Ana Clara Seraine, Renata Fontanetto, Elizeth Nobre e Pamela Vieira.

**A todas as minhas professoras** e aos professores das escolas onde cresci em Teresina, em especial à Odete Sampaio, a primeira pessoa da minha vida a ver que eu era capaz usar as palavras de alguma forma razoável. E, no ensino médio, um agradecimento em especial a Wilson Seraine, minha porta de entrada à escola dos sonhos.

**Aos queridos que me acolheram no alojamento da UFRJ**, quando aportei por aqui sem teto: Milton Lopes, Muana Martins e Jaqueline, de Minas, que eu não sei o sobrenome. Sem vocês, sinceramente, não sei como teria sido.

**À Universidade** Federal do Rio de Janeiro e à Superintendência de Políticas Estudantis, pela benefício da bolsa de auxílio à moradia a partir do meu segundo ano na cidade, fundamental para que eu permanecesse. Apesar de todos os perrengues, pude estudar mais tranquila ao saber que tinha uma “garantia”.

Aos presentes que a ECO me deu: Aldir Cony, Daniel Gullino, Matheus Faustino, Fernanda da Escóssia, Clarissa Stycer, Flora Castro, Rafael Rezende e, na Iniciação Científica, Andrea Santos, Ana Paula Goulart e Igor Sacramento, maravilhosos.

À **TV Band**, em especial à Ludmila Fróes, minha primeira chefe na vida, e aos cinegrafistas que me ensinaram muito sobre os macetes de trabalhar na rua, como se virar e como fazer muito com pouco.

**Ao Jornal O Dia**, em especial ao Chico Alves e à Joana Costa, pela seleção; aos repórteres-guerreiros Juliana Dal Piva, Leandro Resende, Maria Luísa Barros, Caio Barbosa, João Antônio Barros, Nicolás Rey Satriano; aos motoristas fenomenais (quantas saídas! Quantas histórias!) e aos fotógrafos que me provocaram a olhar: Severino Silva e Alexandre Brum.

À **Editora Abril**, em especial à sucursal da Revista Veja no Rio, que me acolheu aguerrida e mostrou como se apura pra revista: Thiago Prado, Monica Weinberg, Cecília Ritto, Lauro Jardim, Guilherme Amado e Leslie Leitão. Foi a minha passagem mais curta e, sem dúvida, uma das experiências mais ricas.

**Ao Globo e ao Extra**, um divisor de águas no meu entendimento dessa profissão. Em especial à Matilde Silveiro e ao Gustavo Vilella, por me permitirem entrar. “Você não veio para brincadeira”, ela disse; aos quinze colegas que entraram comigo no estúdio, feras demais, e sobretudo à Editoria Rio, onde tive certeza do meu amor pela cidade, na companhia inesquecível de Leila Youssef, Vera Araújo (quanta carinho em ajudar!), Luís Ernesto Magalhães, Giselle Ouchana e Caio Barretto Briso, que algumas vezes me disse “você é uma escritora”. Aos fotógrafos Márcia Foletto, Custódio Coimbra e Alexandre Cassiano, com quem pude trabalhar e admirar de perto.

À **TV Globo**: ao Juarez Passos, a chave de tudo. Tenho muito orgulho de ter entrado na televisão pelas mãos dele.

Às queridas Leda Rielli, Tássia Thum, Teresa Garcia, Thaísa Coelho, Patrícia Andrade, Cris Gomes, Cecília Mendes, Gisela e aos queridos Miguel Athayde, Marcos Mendes, Eduardo Teixeira, Márcio Sternick, Matheu Giffoni e Seu Rudman, pelas orientações e por todos os incentivos.



**Na produção**, às incansáveis Márcia Brasil, Isabela Reis, Eliane Maria, Luana Alves, Vivianne Tufani, Flávia Jácomo, Bia Rónai e aos lindos Luiza Vale, Edvaldo Santos, Guilherme Schiavinato, Bruno Quintella, Arthur Guimarães, Tyndaro Menezes

**Aos repórteres e editores** que me estenderam a mão e, às vezes sem saber, falaram coisas que me motivaram: Bette Lucchese, Guilherme Peixoto, Danilo Vieira, Larissa Schmidt, Mônica Teixeira, Mariana Gross, Ana Carolina Raimundi, Chico Regueira, Pedro Figueiredo, Ana Paula Santos, Paulo Renato Soares, Susana Napolini, Flávia Januzzi, Mariana Fontanelli, Paulo Sampaio, Virgílio Gruppi, Maria Cleidejane Esperidião, Priscila Monteiro Patrícia Dias, Sabrina Neumann, Lucas Von, Eunice Scholze **e, em especial, ao Pedro Bassan e à Sônia Bridi**, pelos cafés preciosíssimos, pura inspiração pros meus sonhos de repórter.

E por fim, às queridas Raquel e Irene, por toda a ajuda, **à minha querida orientadora, Cristina, e à banca: Consuelo e Patrícia**, três mulheres-chave na minha formação como profissional e como gente.

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b> .....	9
<b>2. Literatura e Jornalismo</b> .....	14
<b>2.1. A crônica-reportagem</b> .....	18
<b>2.2. Flanar é ir ao mundo</b> .....	23
<b>3. Relatório de produção</b> .....	27
3.1. Os encontros .....	28
3.2. Anotações e gravações.....	30
3.3. Reencontros .....	33
3.4. Decupagem e transcrição .....	35
3.5. Escrita .....	36
<b>4. Notícias do Rio: outras narrativas possíveis</b> .....	39
4.1. Reportagem 1: A mulher que se acostumou aos cheiros que preferimos evitar ..	39
4.2. Reportagem 2: O poeta que nunca se apaixonou .....	46
4.3. Reportagem 3: Maria reaprendeu a sonhar .....	53
4.4. Reportagem 4: Marcondes, um brasileiro extraordinário .....	59
4.5. Reportagem 5: A moradora de rua que ouve música clássica em dias de chuva.	68
<b>5. Conclusões</b> .....	73
<b>6. Referências Bibliográficas</b> .....	75



## 1. Introdução

No contexto do jornalismo pós-industrial, quando modelos de negócios estabelecidos por décadas já não se sustentam nos velhos padrões, este trabalho se volta para o que consideramos uma das principais atribuições do jornalista: a capacidade de sentir e elaborar narrativas sensíveis sobre o mundo em que vive. Por meio da apresentação de cinco crônicas-reportagens, o propósito é construir uma reflexão baseada na ideia de que a escuta atenta e o olhar minucioso são ferramentas que constituem a essência desse exercício, não menos valioso em tempos de internet.

É também, em outras palavras, uma forma de remar contra a maré da produção mecânica e automática, experimentando um tempo que raramente é possível no modelo diário de trabalho a que estamos submetidos nas redações, onde normalmente se corre contra o relógio. Aqui, deixamos que cada pessoa fale no seu ritmo próprio, sem a exigência de *deadlines* urgentes, o que enriquece a experiência entre repórter e entrevistado. É uma prática recorrente na leitura de jornalistas como Fabiana Moraes, Eliane Brum e nos documentários de Eduardo Coutinho, onde a possibilidade do encontro é a riqueza do momento fílmico. Eles são fonte de inspiração.

Quando antigas fórmulas entram em colapso, a ideia é recuperar o exercício de construção da reportagem mais lento, desvinculado da correria que tantas vezes nos impede de ver com olhos livres<sup>1</sup>. Na disputa por informações exclusivas, muitas vezes são deixadas de lado as histórias “banais” que dizem muito sobre nossas questões humanas. Ir à rua parece uma atividade cada vez menos praticada.

No eixo principal da elaboração das reportagens, cuja base se estabelece no encontro entre jornalista e entrevistado, estão a andança *flâneur* e a conversa imprevista, de onde partem as histórias contadas. O cenário é a cidade do Rio de Janeiro, local de observação direcionada aos bairros da região central e da zona sul, entre junho de 2015 e agosto de 2017. Não houve pauta pré-determinada nem *briefing* de ideias sobre algum tema específico. Missão principal: ir à rua e escutá-la. A ordem era flunar com disposição para observar o mundo.

---

<sup>1</sup>ANDRADE, O. de. **Manifesto da Poesia Pau-Brasil**. Disponível em: <[http://www.letras.ufmg.br/padrao\\_cms/documentos/profs/sergioalcides/OswaldManifestos.pdf](http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/sergioalcides/OswaldManifestos.pdf)>. Acesso em: 15/10/2017.

Buscamos representar uma fração da vida na cidade que passa despercebida e que dificilmente vira manchete, no escopo do dia a dia da produção *hard news*, a não ser que esteja atrelada a alguma notícia factual. Na estrutura de hoje, as “outras narrativas” aqui apresentadas não são a regra. No caso do Rio de Janeiro, onde o noticiário é muito marcado por histórias de violência, caos na administração pública e corrupção, as notícias deste trabalho são uma alternativa menos dura, com foco no humano e na potência das pessoas.

O fato de eu ter nascido em uma capital distante da vida urbana carioca é, sem dúvida, muito importante do ponto de vista em que os relatos foram construídos. Em Teresina, não se anda pelas ruas como andamos nas grandes metrópoles. A vida entre o centro e a zona sul do Rio me treinaram para este “olhar *flanêur*” que, na capital do Piauí, só era explorado no centro comercial da cidade ou em trechos de maior movimentação de pedestres. Curiosamente, o fato de eu ter chegado sozinha e por muito tempo ter saído de casa “sem destino” para conhecer a nova cidade também me alertaram para os caminhos que eu podia percorrer aqui e que me instigaram ao olhar curioso e deslocado do que até então era desconhecido.

No Rio, descobri-me cada vez mais repórter. Da surpresa e do encanto diante de múltiplas realidades, quase nunca do acaso, nasceram os registros aqui elaborados. Não houve contato prévio para marcar qualquer entrevista antes de saber que a pessoa participaria do trabalho. Somente a partir da definição do “personagem” é que foram programados reencontros quando possível, com a proposta já apresentada para cada pessoa abordada. A comunicação fora do espaço de encontro nem sempre foi fácil, uma vez que três das cinco reportagens dialogam com pessoas em situação de rua, duas delas sem telefone ou rede social.

Talvez alguém pense, numa primeira leitura do trabalho, que apostamos em um jornalismo perfeito. Não é isso. Embora admita que o jornalismo é parte do que me constitui enquanto pessoa, e que exercê-lo se torna ao mesmo tempo profissão e reconhecimento de uma vida com doses aceleradas de endorfina, não é uma relação isenta de problemas. “Miro o horizonte”, onde o cineasta argentino Fernando Birri, citado por Eduardo Galeano<sup>2</sup>, diz que mora a utopia, e caminho. Por acreditar no jornalismo, sim, menos pelo que algumas vezes é e mais pelo que pode ser.

---

<sup>2</sup> GALEANO, E. Ventana sobre la utopia. In: \_\_\_\_\_. **Las palabras andantes**. Argentina: Catálogos S.R.L, 2001. p. 230.

No capítulo 2, propõe-se uma reflexão teórica sobre os percursos de cruzamento entre Literatura e Jornalismo que, no Brasil, sempre andaram juntos. Além disso, elencamos alguns pontos que contribuem para construção do Jornalismo enquanto atividade que dialoga com áreas diversas do conhecimento, como a Antropologia e a Filosofia. Como em Walter Benjamin, o narrador moderno que vai se perdendo junto com o avanço da técnica e um alerta para as miudezas que recuperam o vigor e a qualidade das “grandes narrativas”.

Depois de contextualizar o surgimento da imprensa brasileira conectada às referências literárias da época, com elementos que aproximam jornalistas e escritores no exercício diário da profissão, a crônica é situada historicamente. No bojo desta relação, estabelece-se um vínculo com a reportagem, que é o mote deste trabalho, ambas como “narrativas do tempo”. Finalizando o capítulo, elaboramos proposições entre as ideias de um “jornalismo subjetivo” e a andança *flanêur*, onde o repórter se coloca diante de cenas comuns do meio urbano e tira delas (ou não) o inusitado para produzir.

No capítulo 3, apresento o relatório de produção das crônicas-reportagens, contando todo o processo de encontro, abordagem, entrevista e escrita sobre cada personagem. No capítulo 4, apresento o resultado desses percursos pela cidade, que chamo de “**Notícias do Rio: outras narrativas possíveis**”, invertendo a lógica das notícias habituais sobre a capital fluminense.

A primeira reportagem é sobre Sônia Gomes Leal, a catadora de papelão que tem duas casas, quase não dorme em nenhuma e já não se incomoda com o cheiro de lixo. Se pudesse ter uma profissão, escolheria ser faxineira. Não sonha muito alto. Deixar o endereço onde o teto é um improvisado de lona elevaria seu sorriso ao mais alto grau de satisfação, mas não tem sido possível. Um ponto importante da reflexão proposta aqui é o fato de Sônia, apesar de viver nas ruas, não ser um número a mais na contabilização de vagas necessárias nos já lotados abrigos públicos do Rio de Janeiro.

Em “O poeta que nunca se apaixonou”, a segunda reportagem, conto a história de José Marcos, um homem muito sonhador que desperta junto com o sol. Na poesia cotidiana onde Marcos mira todos os dias, nem sempre acerta o alvo. Criou uma ficção de si para tornar a vida menos sofrida, e fabula o tempo todo sobre a sua existência. Com simpatia e despreendimento, conquista uma legião de admiradores temporários. Gente que está sempre de passagem, mas é o bastante para quem se satisfaz com a atenção que recebe dos outros.

A terceira história fala de Maria Jorgina dos Santos, retirante de um bairro do Rio de Janeiro onde quase turista nenhum estende o braço para selfie: Campo Grande. Aos 65 anos, Maria vive dias de glória desde que foi aprovada no vestibular da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Seu maior desafio não é entender Durkheim, mas encarar todo dia seis horas no transporte público – para ir e voltar do IFCS.

Na quarta reportagem, a garra de Marcondes, um servente de obras nordestino que desistiu de acreditar que a felicidade do sertanejo só é possível no centro-sul do Brasil. Enquanto morou longe de casa, a zona rural do município de Serra Redonda, na Paraíba, mandou livros para abastecer de coragem o sonho de construir a primeira biblioteca do lugar onde ele nasceu. Depois de catorze anos trabalhando em cima de laje no Rio, apostou em literatura para gente que nunca soube o poder de um livro e voltou para lá. É um dado interessante para pensarmos o movimento de “migração de retorno”.

A última história é da ex-moradora de rua Lauracy Serafim de Jesus, cujas noites de sono foram testemunhadas durante trinta anos pelas árvores da Rua Rodrigo de Brito, quase na esquina com a Arnaldo Quintela, em Botafogo. No dia da sua morte, uma mobilização impressionante provou o quanto ela era querida, até por gente que não morava no bairro. Para o enterro, o caixão e todos os custos foram bancados com uma vaquinha feita pelos vizinhos. Todo mundo a amava, mas ninguém sabia direito quem ela era. De todas as histórias, é a que falo mais na primeira pessoa porque é quase que inteiramente marcada por uma relação interpessoal.

Um dos elementos fundamentais para a escolha da crônica-reportagem como modelo de escrita foi esse alinhamento ao “andar *flanêur*”, que se justifica como proposta a partir de um acontecimento qualquer do cotidiano. Outro, sem dúvida, é o desapego às estruturas consolidadas de narrativa nos grandes veículos, cujas pautas muitas vezes partem da redação para fora, em busca de perfis que se encaixem no que já foi estabelecido ou pensado antes, e não o contrário. Como aponta Antônio Candido, em “Formação da literatura brasileira” (1981), sobre a crônica enquanto gênero narrativo:

O seu grande prestígio atual é um bom sintoma do processo de busca de oralidade na escrita, isto é, de quebra de artifício e aproximação com o que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo [...] Quero dizer que por serem leves e acessíveis talvez elas comuniquem mais do que um estudo intencional a visão humana do homem na sua vida de todo dia. (1981: 16-9)

Durante os anos da graduação no curso em Jornalismo na Universidade Federal do Rio de Janeiro, motivo da mudança de cidade, esbarrei com muitas pessoas que

poderiam virar grandes reportagens jornalísticas, mesmo que a princípio eu não tivesse noção disso. Nas ocasiões que mais me marcaram, registrei todos os encontros e agi como jornalista – entrevistando, anotando, fazendo conexões entre a história da pessoa e o contexto ao redor. Em muitos casos, foi possível construir reportagens nos veículos em que trabalhei como estagiária até aqui. Muitas histórias, no entanto, não cabiam na agenda tradicional dos jornais porque não poderiam ser consideradas notícias.

Da vontade de compartilhar essas histórias com mais gente e da necessidade de exercer aí o jornalismo que me move, resolvi exercitar o olhar em busca de mais pessoas que pudessem compor este trabalho. Nenhuma das reportagens foi escrita antes dessa publicação. O que guardei dos primeiros encontros foram blocos de papéis com apurações sobre cada um dos envolvidos, que aqui reúno para construção do texto. Todos eles elaborando a reportagem como crônica e vice-versa, costurando um jornalismo sem as regras e exigências padronizadas. Como pontua o poeta Carlos Drummond de Andrade (1974), em sua crônica de despedida:

Crônica tem essa vantagem: não obriga ao paletó-e-gravata do editorialista, forçado a definir uma posição correta diante dos grandes problemas; não exige de quem a faz o nervosismo saltitante do repórter, responsável pela apuração do fato na hora mesma em que ele acontece; dispensa a especialização suada em economia, finanças, política nacional e internacional, esporte, religião e o mais que imaginar se possa<sup>3</sup>.

A escolha de cada pessoa cuja história é contada aqui se deu por uma troca de olhares. Embora tenha cruzado com muitas pessoas ao longo das minhas andanças pela vida urbana carioca, e muitas dessas andanças tenham virado palavra-texto, há em Sônia, Maria, Marcondes, Laurinha e Marcos um elemento que justifica minhas visitas e meus retornos a eles – vimo-nos nos olhos uns dos outros, estabelecemos confiança entre nossos passados desconhecidos e estivemos abertos à experiência de escuta, de observação, de alguma troca e muitas perguntas.

No capítulo 5, apresento a conclusão, com apontamentos... É a literatura da vida real. Pouco ou quase nada incendiada pelo “furo”, como se chama no jargão jornalístico a informação exclusiva. Optar pelo projeto prático foi fundamental para que eu exercesse plenamente o jornalismo pelo qual me apaixonei e aprimorei na universidade.

---

<sup>3</sup> ANDRADE, C. D. de. **Ciao**. Disponível em: <<http://portugues.uol.com.br/literatura/a-ultima-chronica-carlos-drummond-andrade.html>>. Acesso em: 15/10/2017.



## 2. Literatura e Jornalismo

Quase tudo no jornalismo tem no meio a palavra “história”. Repórter nenhum passa um dia sem dizê-la. Na reunião de pauta, o jornalista diz que tem uma “história” para “vender”, jargão utilizado quando se pretende defender a proposta e, com argumentos, convencer os demais colegas de que a matéria é relevante para ser feita. Na rua, o que se ouve são “histórias” e, quando o repórter retorna para elaborar o que escutou, conta uma “história”. Seus entrevistados são, no geral, os “personagens”, outro termo utilizado para representações artísticas, como na literatura e no teatro. São eles e suas histórias a tessitura clássica no *modus operandi* da atividade jornalística.

Embora o foco deste trabalho seja o encontro entre o jornalismo e a literatura, que aqui chamamos de crônica-reportagem, não é exagero dizer que o jornalismo é uma área de interação com variados campos do conhecimento. O próprio jornalismo, enquanto meio de atuação, é múltiplo e variável. Na televisão, no jornal impresso, na rádio ou nas infinitas possibilidades da internet, é incontestável que a condução do texto, a estrutura da palavra escrita, a ordem das frases, as imagens, a entonação, tudo muda. A depender de onde o produto jornalístico trafegue, há um alinhamento de construção condicionado à forma como será exibido ou publicado o resultado final.

O jornalista em campo sempre esteve submetido à pressão de tempo e espaço. Tradicionalmente, a moeda ouro no impresso, seja ele qual for, é o *espaço*. No rádio e na televisão, é o *tempo*. Ambos sustentando produção através de publicidade. Na internet, a *atenção* representa o maior valor de disputa entre produtos. (LUZ, 2016, p. 24).

Se pensarmos o jornalista como quem lapida informações relacionadas ao tempo em que vive e à atualidade, por exemplo, construímos uma primeira associação do jornalismo à História enquanto ciência. Em outros termos, os jornalistas como contadores da História em movimento são também produtores de memória. Em seu artigo “A mídia e o lugar da história”, Ana Paula Goulart Ribeiro desenvolve esse paralelo. As informações trabalhadas pelo jornalista como dados “factuais” e – espera-se – verdadeiros contribuem para sedimentar a noção de que algo que saiu no jornal é também um fato histórico.

O jornalismo exerce um papel crucial na produção de uma ideia de história, não só porque indica aqueles que, dentre todos os fatos da realidade, devem ser memoráveis no futuro, mas também porque se constitui ele mesmo um dos principais registros “objetivos” do seu tempo. (RIBEIRO, 2003, p. 36)

Parte desse compromisso com a memória histórica está também associado à responsabilidade com as palavras escolhidas para o que se pretende contar ou descrever. Jornalista trabalha com palavra, independente do meio em que atue. Uma palavra mal colocada ou escolhida em detrimento de outra pode mudar todo o curso do que está sendo retratado na notícia, na coluna ou na reportagem. Escolher palavras também define esse ofício, uma vez que narrar é, consciente ou inconscientemente, percorrer uma escala entre o não dito e o subentendido. A palavra sinaliza cuidado e respeito à história que está sendo narrada. É ela a roupagem da carga que trazemos de preconceito, superficialidade e estereótipo diante do novo ou do desconhecido.

Tudo vira palavra. Dessas escolhas partem as rédeas do que define, simplifica ou reduz determinado acontecimento. O contrário também ocorre, situando no campo da escrita ou da fala o que tem mais ou menos valor. Do que pode ou não ser manchete. Sabemos todos que são valores medidos, muitas vezes, pelas circunstâncias sociais às quais as pessoas retratadas estão envolvidas. Algo como a “A vida que ninguém vê” (2006), livro de Eliane Brum que reúne crônicas-reportagens sobre pessoas que circulam do lado de fora da fama. O oposto de ser muito conhecido. Os “anônimos” da cidade. Invisíveis não são. Que olhos se escondem deles? Quem desvia o olhar?

Vale recorrer à Filosofia do contemporâneo Emmanuel Levinas (1961), cuja base do pensamento é a relação com o “outro”, fundamental no jornalismo. O autor propõe a ética da alteridade, para quem o “ser” encontra sentido na sua existência por meio da disposição ao “outro”. A alteridade é o exercício de se abrir para o outro, sobretudo ao que é apresentado de diferente e que deve ser respeitado sem descaso ou exclusão. É olhar no olho desse “outro” como ele é, sem diferenças. Como possibilidade de encontro, não como ameaça.

Se o jornalismo também é um registro da história, embora seja muito mais que isso, que histórias estamos contando? Que memórias estão sendo elaboradas e reelaboradas nas páginas dos principais jornais do país, no tempo da TV destinado ao conteúdo jornalístico e na profusão de *links* e *feeds*? Que memórias ganham destaque? Em que medida uma história é mais importante que a outra? Que memórias elas geram?

Nesses aspectos, a Sociologia também é imprescindível à compreensão do fazer jornalismo. Fazer jornalismo este que, em toda a sua dimensão simbólica e denotativa, é costurado por uma rede de significados sobre a nossa visão de sociedade e de mundo, na qual se faz presente, inúmeras vezes, valores estereotipados, distorcidos ou rasos demais

frente à potência da vida real. Estar aberto, como propõe Levinas, e ver o outro em sua plenitude é um caminho para evitar chavões e reducionismos.

Mais um ponto de alcance relacionado à ideia do “ser repórter” também encontra aliados na Antropologia. Para Lago (2010), no artigo “Ensinaamentos antropológicos: a possibilidade de apreensão do outro no jornalismo”, a ampliação da democracia e da cidadania só pode se concretizar com a incorporação da alteridade como referente. Desse aspecto, viria a busca do jornalista por incorporar um “olhar antropológico”.

No encontro antropológico, há o intuito de “apreender o ponto de vista dos nativos, seu relacionamento com a vida, sua visão de seu mundo” (MALINOWSKI, 1976, p. 38). Os dois, Antropologia e Jornalismo, buscam “construir narrativas sobre a alteridade, que supõem verdadeiras, no sentido de apontar para correspondências entre a vida como é e a vida retratada por essas narrativas” (LAGO, 2010, p. 10).

A Antropologia tem muito a nos ensinar em termos de percepção do Outro. Não tanto por ser o *locus* de gestão da alteridade enquanto construção científico-social, mas por ter sedimentado em seu campo uma antiga, extensa e profunda reflexão sobre as limitações quando o que está em jogo é o confronto entre diferentes. Esta reflexão é inerente ao nascimento da Antropologia, que brota de uma equação que buscava encontrar, através da diversidade, a generalidade de uma Humanidade criada pelo Iluminismo. Ou, como enunciou Lévi-Strauss: “um empreendimento (a antropologia) que renova e expia a Renascença, com o fim de levar o humanismo a alcançar a medida da humanidade” (LEVI-STRAUSS, 1975, p. 222).

Em meio às reflexões que cruzam diferentes caminhos do conhecimento, podemos advir que não há, em nenhuma hipótese, como falar da dimensão da atividade jornalística responsável sem a contribuição imprescindível de todas essas áreas, com as quais o jornalismo dialoga em patamares diversos. Não há critérios de distância entre o repórter e o campo da reportagem para que essas definições se instrumentalizem. O “distante” e o “diferente” também podem estar na próxima esquina.

Voltando à Literatura, observa-se que, no Brasil, Literatura e Jornalismo sempre estiveram muito próximos. Até os primeiros anos do século XX, as duas atividades se misturavam. Como descreve Lavorati (2009), importantes escritores e poetas ocuparam lugar de destaque nas redações. Essa abertura à arte literária se apresentava em forma de folhetins, suplementos literários e outros. A exemplo disso, escritores como Machado de Assis, Manoel Antonio Almeida, Clarice Lispector e Olavo Bilac, só para citar alguns, também eram jornalistas. Machado foi aprendiz de tipógrafo e revisor de jornal.

Quando a imprensa surgiu em terras brasileiras, junto com a chegada da família real, em 1808, não havia qualquer indício de que a notícia ou a reportagem eram

consideradas matérias-primas do jornalismo. Com a Revolução Industrial, a mecanização chegou à indústria gráfica e foi capaz de produzir exemplares de jornais em grande quantidade.

Segundo Lage (2013, p. 13), dessa expansão viria também a necessidade de mudar o estilo de matérias que os jornais publicavam, antes mais panfletárias, marcadas pelas opiniões de editores. No fim do século XIX, o tom opinativo da imprensa brasileira, comum aos periódicos do período imperial, foi sendo abandonado e ocupado por um caráter mais noticioso.

O jornalismo, como toda a imprensa brasileira, molda-se ao tipo de texto e linguagem capaz de ser consumido em escala industrial. A notícia passa a ser vista como uma mercadoria dentro do sistema capitalista. Ou seja, os grandes veículos de comunicação, em específico, o jornal impresso diário, passam a ser elaborados por meio de uma estrutura própria, em que os elementos notícia e informação começam a se ajustar aos modelos pré-estabelecidos que priorizam a concisão e a objetividade. (LAVORATI, 2009, p. 4).

Neste trabalho, precisamente, há uma proposta e uma busca pelo deslocamento da noção de jornalismo “objetivo e imparcial” para o debate da multiplicidade de vozes, tanto de quem retrata como de quem é retratado. Ao contrário do que se articulava nos primórdios da imprensa brasileira, a ótica sobre a reportagem, aqui, coloca esse tipo de narrativa dos acontecimentos não apenas como matéria-prima do jornalismo, mas também como obra de arte, como assinala Guirado (2005).

Em seu artigo “Busca e ‘transcrição’ no processo de reportagem”, a autora diz que enquanto o jornalismo busca construir uma leitura em mosaico da realidade cotidiana, a reportagem procura “aprofundar um determinado tema traduzindo, em linguagem agradável, as causas - ou supostas causas - do assunto em questão”, e indica o estágio dos fatos e suas prováveis consequências.

Nesse aspecto, a autora defende que o processo de preparação da reportagem é diferente dos demais gêneros jornalísticos porque exige mais predicados do que os outros. Reportar requer “habilidades especiais” do repórter, como sensibilidade para captar os acontecimentos à sua volta, capacidade de investigação e indispensável competência no uso da língua para atingir o que Guirado (2005) chama de “transcrição” dos fatos.

Acreditando que a área de ação do jornalismo se encontra, sorrateiramente, na interseção da História, da Literatura e da Filosofia, compreende-se com Aristóteles a importância da caracterização do conteúdo na execução de cada ofício. E, se por um lado o jornalista está registrando a História (o particular), está também, ao selecionar palavras, expressando seu senso poético ou literário (o universal), além de desvelar a Filosofia da época, que se deixa entrever pelos meandros da reportagem. Representando ainda o que poderia

acontecer ou apontando prováveis hipóteses ou soluções em sua narrativa, o repórter estará filosofando, refletindo e levando seus leitores à reflexão. (GUIRADO, 2005, p. 2-3).

Um exemplo da reportagem como arte e “transcrição” é o livro “Histórias do New York Times”, uma coleção de histórias reais sobre gente comum de diversas partes do mundo, até do Brasil, reunidas pela jornalista e editora Lisa Belkin. No prefácio, o jornalista Heródoto Barbeiro pontua que, quando os veículos focam em buscar notícias que chamem a atenção das pessoas, as que estão associadas ao *hard news*, cria-se um paradoxo: “são as grandes responsáveis pela rápida deterioração do noticiário e fazem do jornal de ótimo apenas para embrulhar peixe”. A isso se agrega o que o jornalista chama de conteúdo humano, enaltecendo as narrativas apresentadas no livro.

Outro aspecto interessante da relação entre jornalismo e literatura pode ser sustentado pela concepção do jornalista como um escritor, de onde ele parte para um universo menos enrijecido e mais plural. É um pouco como pular por alguns instantes o muro do que concerne à dureza e à confrontação com a realidade, e permitir a imaginação e a utopia. A literatura empresta ao jornalismo, muitas vezes, o resgate do sonho. Ler ou ouvir histórias da vida humana como sendo invariavelmente reais é uma válvula por onde se convoca o olhar para si.

Sobre essa ideia, Wandelli (2016, p. 7) diz que “o jornalismo como escritura não começa na subjetividade do autor, mas no amor impessoal pela multidão”. É o que a autora chama de “desfazimento do eu” (uma construção histórica e social), que vem a ser multiplicado por um “vir a ser”. Ou seja, podemos dizer que o que flutua na superfície das ruas por onde os repórteres gastam seus sapatos é o mundo sensível e subjetivo, inescapável à proeza da reportagem. Entre outras atribuições, reportar é sentir. Um sentimento que também é texto; mesmo que não esteja explícito, mas que de uma forma ou de outra vem no contorno da escolha da palavra.

## **2.1. A crônica-reportagem**

Mais que uma proposta de elaboração da reportagem com elementos da crônica ou, em outras palavras, mais do que a apresentação de um modelo de trabalho onde se valoriza a liberdade narrativa e a subjetividade do repórter, o que se tenciona aqui é a prospecção da ideia de jornalismo calcada na valoração do cotidiano, do mistério e da vida. Nessa ponderação reside a verve do que analisamos como

fundamental para se pensar uma das saídas ao modelo tradicional de fazer e pensar a prática jornalística nas grandes ou pequenas redações. A reportagem enquanto discurso é também uma forma de rompimento dos silêncios. (KOTSCHO, 2007)

Não como inversão total de valores, mas especialmente no que se refere a aliar técnica e sentimento de forma harmônica e coerente. Formata-se um trabalho à disposição, sobretudo, da capacidade de desarticular fronteiras enrijecidas e valorizar a potência do humano. O que abordamos como sendo a crônica-reportagem é o encontro de Literatura e Jornalismo, diálogo entre o pé no chão da realidade e o sonho possível na arte do lirismo.

Considerando que a crônica é uma narrativa alimentada pelo tempo, e que em outra instância o jornalismo é a narrativa dos dias, há um entrelaçamento entre ambos antes mesmo de uma intenção direta. A palavra "crônica" vem do latim *chronica* e do grego *chronikós*, relativo a tempo (*chrónos*, deus grego do tempo). Como assinala a pesquisadora Letícia Cantarela Matheus (2010): "As marcas do tempo são especialmente sensíveis nos jornais. (...) O consumo diário das narrativas jornalísticas fornece um forte parâmetro espaço-temporal."

Originalmente, com seu surgimento na Europa medieval e renascentista, a crônica servia a narrativas sem divagações ou metáforas. Estava associada ao relato de fatos dispostos em ordem cronológica e sucessiva. Por estar entre os anais e a História, era apenas um registro sem profundidade sobre os acontecimentos. A crônica moderna como conhecemos se caracteriza pelo atual modelo no século XIX, quando ganha expressão literária e passa a ser publicada em jornais. Com o desenvolvimento da imprensa, os textos refletem os costumes, a vida social e política.

No Brasil, a crônica chega com o jornal impresso. À receita tupiniquim, é comum acrescentar elementos de ironia ou bom humor às produções textuais. Para José Marques de Melo (1985), somente a versão brasileira tem "a feição de relato poético do real, situado na fronteira entre a informação de atualidade e a narração literária".

A ampliação da atuação da imprensa tangencia a propagação da crônica como "narrativa histórica". De acordo com Lopes, em seu artigo "A crônica (nos jornais): O que foi? O que é?", pode-se considerar uma relação muito próxima entre "crônica" e "História", uma vez que as duas estão relacionadas à construção de uma "memória" que se constitui de tempo. A autora relaciona a crônica a uma "história dos tempos".

Carlos Drummond de Andrade, em *Ciao*, sua última crônica, sinaliza para as diferenças entre o jornalismo e a crônica quando escreve:

Crônica tem essa vantagem: não obriga ao paletó-e-gravata do editorialista, forçado a definir uma posição correta diante dos grandes problemas; não exige de quem a faz o nervosismo saltitante do repórter, responsável pela apuração do fato na hora mesma em que ele acontece; dispensa a especialização suada em economia, finanças, política nacional e internacional, esporte, religião e o mais que imaginar se possa. (DRUMMOND, 1984).

Os traços de informalidade e subjetividade conferem a esse tipo de texto menos endurecimento pelo que se espera dos modelos baseados, por exemplo, nos conceitos da “pirâmide invertida”. Trata-se de um jargão jornalístico voltado para organizar as informações colocando o mais importante no início e o menos importante do final. O termo significa o contrário de uma pirâmide física tradicional. Inverter a ordem é uma maneira de poupar o tempo do leitor e facilitar o corte do texto conforme o espaço editorial disponível para a notícia em questão.

A reportagem, por definição do dicionário *michaelis*, é uma “atividade jornalística que procura investigar mais profundamente uma informação ou um assunto e transformá-los em matéria de noticiário”. Embora atente ao básico do lide, ou “lead”, no padrão norte-americano, que estabelece que o primeiro parágrafo do texto jornalístico deve responder, de forma sintética: o quê?, quem?, quando?, onde?, como? e por quê?, a reportagem aqui proposta vai além do noticiário. Não necessariamente essas informações devem estar na abertura da matéria, seguindo o modelo que surgiu nos Estados Unidos do final do século XIX e adotado em 1950 no Brasil.

Nessa temática, é importante lembrar a figura do narrador de Walter Benjamin (1994). Para o filósofo alemão, a arte de narrar estava acabando no início do período moderno porque, entre outras motivações, a aceleração da técnica levava o homem a não saber mais dar conselhos na forma tradicional. Ou seja, a experiência humana como fonte de enriquecimento da narrativa estaria perto do fim. Para ele, a informação era uma das responsáveis por essa morte, sobre a qual a imprensa atuava como vilã ao “explicar demais” os acontecimentos.

Como escreveu Peres (2016, p. 4), é preciso compreender que esse é o ponto de vista de Benjamin a partir do modelo de jornalismo que se considera legítimo quando opera a serviço dos fatos e interessado em informação. “Naqueles anos 40, quando o texto foi escrito, o autor indicava outros caminhos possíveis para a narrativa que pudessem ser trilhados a partir dos restos e das sobras”, escreve a pesquisadora, apontando para a questão de que falava Jeanne Marie Gagnebin (1992) sobre Benjamin: “nos detalhes, na descrição das circunstâncias, nas pequenas coisas aparentemente

desimportantes, estaria a potência narrativa, inclusive no jornalismo”. Tirar do “pequeno” o grande é também uma atribuição poética e artística.

Para os antigos gregos, especialmente nos séculos VI a IV a.C., as coisas naturais refletiam os modelos eternos a que estavam submetidas. Modelos que pregavam a verdade (*alethéia*) dependente da técnica (*techné*); logo, a arte conseguia apenas imitar aquilo que já era uma representação, ou seja, a arte conseguia apenas produzir cópias de cópias (*mímesis*). O trabalho intelectual de organizar os dados e procurar as palavras é um trabalho poético (*poiésis*), que vem atrelado à idéia de imitação do real. É neste sentido que o ofício do repórter se aproxima, numa certa medida, do ofício do poeta, do historiador e do filósofo. (GUIRADO, 2005, p. 3).

Nessa interseção, a jornalista Fabiana Moraes defende em seu livro “O nascimento de Joicy” (2016), que o jornalismo deve englobar as subjetividades “inerentes à vida”. Segundo a autora, o resultado é “uma produção na qual o ser humano é percebido em sua integralidade e complexidade, com menos reduções”. Esse seria um caminho para evitar clichês e lugares-comuns, fontes do engessamento do olhar do jornalista sobre a realidade que o cerca.

Dentro da mesma temática, outro ponto importante de desenvolvimento do trabalho aqui em curso teve como base a relação entre jornalista e personagem, especialmente quando vai além do contato breve. De acordo com Moraes (2016), o “personagem”, termo emprestado da literatura, está ligado a uma noção de ver o outro “sob um aspecto técnico no momento em que o coloca como objeto de observação (e de desejo) do repórter”. Esse termo seria, segundo a autora, ofuscado pela ideia de fonte dominante nos livros e manuais adotados nas universidades e faculdades de jornalismo do país.

Essa distinção se faz fundamental quando uma ou outra palavra é capaz de aproximar ou distanciar jornalistas e entrevistados. Essa relação pode gerar afetos variados e tocar o repórter para além de uma mera postura profissional. Sobre a reportagem em que a autora conta a história de uma transexual no interior de Pernambuco:

Não são passagens épicas nem heroicas, como tantas vezes os relatos presentes nos livros-reportagens costumam ser, mas repletas de desafios, incoerências e, inegavelmente, bem-querer. [...] Afinal, ao lado das exigências técnicas e vitais que formam o lastro do jornalismo, não podemos perder de perspectiva: emoção também é informação. (MORAES, 2016, p. 23 e 27).

No mesmo artigo citado anteriormente, “O rompimento dos aquários”, Da Luz (2016) escreve que “a deontologia do jornalismo tem um ar eterno”, mas as mudanças digitais e os modelos de trabalho trazidos pela internet, ou seja, “modificações de



padrão das bases de produção” provocam questionamentos sobre o lugar social que o jornalista ocupa nessa configuração. Segundo a autora, uma das rupturas na lógica antes habitual está associada ao *furo*, que correspondia e, em certas instâncias, ainda corresponde, à marca de qualidade da produção do “jornalista bem informado”, ainda que em menor escala.

Em um relatório de sessenta páginas sobre o jornalismo na era pós-industrial, apresentado em 2012 pela Columbia University, no âmbito do Tow Center for Digital Journalism da Columbia Journalism School, pesquisadores e jornalistas do instituto propuseram encaminhamentos para a “superação” do mercado em crise.

O estudo, conduzido em três partes (jornalistas, instituições e ecossistema), analisa o atual estágio do jornalismo e pontua que as condições técnicas, materiais e os métodos empregados na apuração e divulgação das notícias, muito diferentes do que se fazia até o fim do século 20, são traços de uma revolução que exige adaptação, por meio da qual será possível a sobrevivência da imprensa enquanto negócio e indústria. Como disse o escritor américo-canadense William Gibson<sup>4</sup>, citado no trabalho, “o futuro já chegou, só não está uniformemente distribuído”.

Entre as propostas, o indicativo é explorar novas possibilidades. Esse seria, segundo os pesquisadores, o aspecto mais positivo das mudanças: mais colaboração, novas ferramentas de análise e fontes de dados e novas maneiras de comunicar o que é de interesse público. Um conjunto de cenários que chamam de “oportunidades”. Na página 40 da edição nº 5, ano 2, versão brasileira da Columbia Journalism Review, traduzida pela ESPM, o relatório aponta: “[...] a sobrevivência de instituições nos últimos anos ocultou o óbvio ululante: a importância de instituições reside no fato de que permitem o trabalho do jornalista, e não o contrário”.

Chama atenção, ainda, para o fato de “[...] a crença no valor do trabalho original de reportagem muitas vezes supera o volume real ao qual é produzido”, p 49. Em uma das que consideramos entre as principais atribuições, está uma comparação entre o que chama e diferencia segredos e mistérios. Conta que, em 1979, a especialista em segurança Susan Landau estabeleceu uma distinção entre os significados das duas palavras.

Ao tentar entender por que a Revolução Iraniana pegara os Estados Unidos totalmente de surpresa, Landau observou que a comunidade de inteligência estava

---

<sup>4</sup>NATIONAL PUBLIC RADIO. **Talk of the Nation**. Interview with *William Gibson*. Disponível em: <<https://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=1067220>>. Acesso em: 20/11/17.

focada em segredos (buscava entender aquilo que o regime do xá vinha ocultando), não em mistérios (aquilo que ocorria com diversos grupos fiéis ao aiatolá Ruhollah Khomeini que, embora públicos, não eram muito visíveis).

O lugar que o jornalismo ocupa não deve jamais deixar de ter como esteio a humanização, que nega a mecanização fácil, perigosa e escorregadia. Tempo e reflexão são, sem dúvida, relevantes para o processo. Como observa Wandelli:

A tentativa de capturar o instante do cotidiano constitui teoricamente a tarefa por excelência do jornalismo. Mas o jornalismo sem a reportagem observadora e andarilha passa ao largo do devir da história e da noção de acontecimento como uma fração irrepetível de tempo que irrompe o escuro do contemporâneo. Condenado pela claridade do progresso, o *flâneur* morre com a pressa das mídias e o esvaziamento da vida nas ruas. Morre com a morte do desejo de ver o que não é visto. Prevalece um repórter cada vez mais distante da cena do cotidiano, que nem acumula a experiência do viajante nem a arte de ouvir do contador de histórias. (WANDELLI, 2016).

Na rádio ou na televisão, é necessário estar atento às vozes que serão lembradas pelos espectadores, às expressões faciais que vão marcar a lembrança de quem assiste. No papel, os textos que serão guardados ou que talvez os leitores revisitem. Na internet, é preciso descobrir o que faz com que determinadas produções narrativas não se percam em alguns *terabytes*.

## 2.2 Flanar é ir ao mundo

“Rua” é como se chama, no jornalismo, o campo de produção da reportagem onde a vida acontece – quando o repórter está fora da redação, olhando no olho de gente, observando o mundo ao redor. “Estou na rua”, “o repórter foi para a rua”, etc, significa que o jornalista está construindo a reportagem pela dinâmica dos acontecimentos que vê e das pessoas que escuta. Isso exige uma atenção permanente ao entorno. É diferente de ficar na redação ou no escritório, lugares onde se constrói a matéria com o que vem da “rua”, da cidade em movimento. A rua como lugar fundamental faz parte da ideia romântica consagrada como “gastar a sola do sapato”.

Com o novo estilo de cidade que surge na Europa, na segunda metade do século XIX, a rua enquanto espaço geográfico ganha um novo status. O advento da urbanização moderna provoca mudanças sociais e criam formas diferentes de viver. É nessa nova configuração que o poeta francês Charles Baudelaire (1821-1867) capta a presença do *flâneur*, figura que vaga pelas esquinas com um olhar de observação dos

pequenos acontecimentos cotidianos – gestos que passam despercebidos aos olhos da multidão. O próprio Baudelaire é um desses sujeitos a quem o detalhe não escapa.

A *flânerie*, atividade do *flâneur*, surge com a modernidade. Para David Frisby, qualquer investigação do *flâneur* na teoria social deve começar com “a contribuição de Walter Benjamin em relação à história dessa ambígua figura urbana, cuja existência e significância foi anunciada um século antes por Baudelaire (1821-1867) e outros<sup>5</sup>”. A ideia de que flânar é um exercício possibilitado e potencializado por esse novo momento europeu constitui a próprio significado do *flâneur*. É algo que pode acontecer em meio a atividades rotineiras e outras tarefas, mesmo que não seja essa a primeira intenção do observador ao sair de casa.

Esse espírito andarilho não abarca somente “aquele que caminha calmamente<sup>6</sup>”, como definem os dicionários. O *flâneur* carrega em cada passo um sujeito político. Nessa aparente ociosidade, torna-se potente e valoroso o que, por outros olhares, seria apenas o trivial. A andança não é, necessariamente mediada por um olhar de busca, mas antes de tudo por um olhar de abertura ao que aparece no caminho – seja novo, desconhecido ou até habitual, mas que, por alguma razão, torna-se surpreendente. Algo como o poeta Ferreira Gullar aponta sobre a poesia: nasce do espanto<sup>7</sup>.

É razoável dizer que a reportagem, a crônica ou a crônica-reportagem também podem nascer dessa “surpresa” diante da exterioridade. E isso é possível quando o repórter, assimilando características do poeta e do *flâneur*, anda de ouvido aberto aos burburinhos da cidade. Para Frisby, a *flânerie* explora a observação atenta de pessoas e contextos sociais (onde se insere a prática de ouvir), a escrita (da vida metropolitana com sua arquitetura e espacialidade) e a produção de textos. O autor associa a *flânerie* a uma forma de olhar as configurações humanas.

Para o perfeito flâneur, é um prazer imenso estar fora de casa e, no entanto, se sentir em casa em toda parte. Ver o mundo, estar no centro do mundo e ficar escondido no mundo, tais são alguns dos menores prazeres desses espíritos independentes, apaixonados. [...] Também podemos compará-lo a um caleidoscópio dotado de consciência que, a cada movimento, representa a vida múltipla. (BAUDELAIRE apud BENJAMIN, 1989, p. 221).

---

<sup>5</sup> FRISBY, D. The flâneur in social theory. In: TESTER, Keith (Org). **The Flâneur**. London and New York: Routledge, 1994.

<sup>6</sup> Cambridge DICTIONARY. Tradução francês-inglês. 1994. Disponível em:< <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/frances-ingles/flaneur>> . Acesso em: 18/11/2017.

<sup>7</sup> “A poesia, como vejo, nasce do espanto”. Entrevista para O Estado de São Paulo. Disponível em:< <http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,ferreira-gullar-em-2015-a-poesia-como-vejo-nasce-do-espanto,10000092465>> . Acesso em: 10/10/2017.

A pesquisadora Heloisa Buarque de Hollanda, em entrevista ao Suplemento Cultural de Pernambuco (agosto de 2017, p. 16) defende como forma contemporânea de mudar o mundo o exercício da escuta. “O sentido ético e político desse gesto é da maior importância”, analisa a professora, chamando atenção para os tempos de muita intolerância e construção de muros concretos e simbólicos, “cujo pressuposto parece ser uma dificuldade crescente em lidar com as diferenças, com a alteridade, com o outro”.

Para Benjamin, embora não seja a única, a base social da *flânerie* é o jornalismo. A literatura foi a primeira forma de expressão da *flânerie*, depois analisada na sociologia e nos jornais. No caso da atividade jornalística, observa-se o *flâneur* em produtos como crônicas ou reportagens mais literárias.

No Rio de Janeiro da *Belle Époque*, o exemplo clássico de uma *flânerie* que gera “quadros sociais” através de crônicas é João do Rio, pseudônimo de João Paulo Alberto Coelho Barreto, nascido em 1881 e falecido em 1921. Em “A Alma Encantadora das Ruas” (1908) está o Rio de Janeiro da transição ao regime republicano, incorporando o modelo europeu, sobretudo o francês, tanto no que se refere aos costumes quanto ao planejamento urbano.

O autor descreve pessoas à margem da vida social na época. Para compreender o que ele chama de “psicologia da rua” não basta andar. “É preciso ter espírito vagabundo e nervos com um perpétuo desejo incompreensível. É preciso ser aquele que chamamos *flâneur* e praticar o mais interessante dos esportes — a arte de flunar”.

Ora, a rua é mais do que isso, a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma! Em Benares ou em Amsterdão, em Londres ou Buenos Aires, sob os céus mais diversos, nos mais variados climas, a rua é a agasalhadora da miséria. Os desgraçados não se sentem de todo sem o auxílio dos deuses enquanto diante dos seus olhos uma rua abre para outra rua. A rua é o aplauso dos medíocres, dos infelizes, dos miseráveis da arte. (RIO, 1908, p. 2).

No artigo “Por uma *flânerie* do século XXI”, Loth (2012) considera que “a economia *fast-food* do jornalismo atual não contempla a arte de flunar. O repórter sai da redação para trazer um produto programado e pronto. Não está imbuído do espírito de desfrutar da viagem”. Isso significa que o homem da cidade industrial, no qual obviamente o jornalista está incluído, vive no automático. “Em vez de ser uma fonte rica em histórias, cuja observação pode desencadear narrativas criativas, a cidade torna-se um obstáculo ao jornalista que pretende cumprir suas tarefas diárias” (LOTH, p. 2).

Não é apenas o ato de deslocamento que define a *flânerie*, mas o gesto de estranhamento da cidade. Ao percorrer a metrópole, o *flâneur* apresenta-a de um modo nunca visto ao nativo para que ele também a estranhe. O *flâneur* é uma figura histórica que nasce no bojo do capitalismo, mas é subversiva, pois

cultiva o ócio (no sentido grego). Sua postura é essencialmente ambígua, pois caminha imbuído pela dúvida e pela curiosidade, enquanto é observador e observado pelas multidões das grandes metrópoles. [...] Uma *velha-nova* forma de perceber (ou não perceber) o mundo que também acompanha a construção da figura do jornalista em pleno século XXI. (LOTH, p 1).

Aqui, propõe-se não a *flanêrie* clássica em todos os seus aspectos, mas a que convida a ir à rua de olho atento, mesmo que o máximo feito seja contrariar a marcha do automatismo a que somos submetidos nas grandes metrópoles. Ou seja, os tempos mudam, mas da figura do *flâneur* pode ser adaptada a novos contextos e novas formas de narrar, tomando como base seus principais preceitos. Nesse trabalho, o a *flanêrie* é importante a partir de suas contribuições para um enriquecimento do olhar jornalístico, pelo qual se alimenta a vida na cidade e vice-versa. Um olhar “não domesticado” (BRUM, 2006), e por isso mesmo desperto.

Para Bakhtin (1997, p. 393) o jornalista é acima de tudo um contemporâneo. “É realmente obrigado a sê-lo. Vive na esfera das questões que podem ser resolvidas na contemporaneidade (ou, pelo menos, num tempo próximo)”. No que se refere à ociosidade e à andança como hábito, Benjamin (1989) pontua que a pressão social é forte para que todas as pessoas sigam os padrões produtivos do capitalismo, o que coloca a *flanêrie* como o avesso do ritmo habitual nas grandes cidades. “Alguém que pareça estar mais preocupado em flânar certamente deveria causar estranheza<sup>8</sup>, naquele período, como é certo que cause hoje” (ROCHA, p. 9).

É certo que essa atividade se torna ainda mais difícil se essa figura for uma mulher. Corriqueiramente, nas leituras sobre a formação do *flâneur*, a maior parte dos nomes consagrados são masculinos – Baudelaire, o “Homem da multidão” de Edgar Allan Poe, João do Rio. Não é possível analisar a vida urbana e as ruas pelas quais se anda devagar sem uma reflexão sobre o corpo que circula entre os logradouros.

Historicamente, planejar a cidade para a mulher era reservar tão somente o seu papel de dona de casa ao desenho da vida urbana. O mundo avançou e, no cenário atual, homens e mulheres dividem espaços antes restritos a eles, como a rua e o mercado de trabalho. Essa dinâmica de deslocamento feminino para lugares mais distantes “do lar” começou a aumentar nas economias ocidentais a partir da década de 50 do século passado. No Brasil de 2002, a participação das mulheres no mercado ainda atingia 50%, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

---

<sup>8</sup> ROCHA, R. V. A Figura do Flâneur no Entendimento da Prática Jornalística sob a luz de João do Rio, um caso brasileiro. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, v. 4, n. 1, p. 1 – 81, Setembro/Novembro 2010.

Na Paris do século XIX, George Sand, pseudônimo da escritora e romancista Amandine Dupin, usava trajes masculinos para conseguir andar livre pelas ruas. No século XXI, não é raro encontrar Amandines, que precisam criar estratégias para não serem incomodadas. No Brasil, e especificamente no Rio, onde este trabalho é desenvolvido, andar em qualquer lugar ou a qualquer hora é ainda mais limitador<sup>9</sup> para a mulher. Tanto pelo assédio masculino a que está submetida no espaço público quanto pela violência a que está sujeita por estar sozinha.

Entrelaçando os sentidos entre *flâneur* e jornalismo, considerando que a produção de reportagens aqui colocadas leva assinatura feminina, este trabalho se trata também de atravessar as fronteiras entre o que somos e o que podemos ser. Não somente no sentido dos avanços para a liberdade plena da mulher como ser pensante e andarilho, mas também no sentido de alcance do que está para além do que é visto.

“Atravessar a fronteira” é como o escritor e jornalista polonês Ryszard Kapuściński (1932-2007) descreve sua vontade de ir ao “desconhecido” e voltar para contar aos outros o que viu. Atravessar a fronteira como um desejo pulsante do menino crescido na Polônia durante a Segunda Guerra Mundial, cheio de curiosidade e busca pelo mistério do distante. Essas aventuras ele conta no livro “Minhas viagens com Heródoto – entre jornalismo e história” (2006), onde atravessar a fronteira aparece como percurso exterior que leva à descoberta, por consequência, de mundos interiores.

### **3. Relatório de produção**

O conteúdo que está presente nos “bastidores” das crônicas-reportagens expostas neste trabalho de conclusão de curso pode ser considerado, em diversos momentos, tão importante quanto o que está no texto “oficial”. Neste capítulo, relato o processo de construção das histórias e como elas chegaram até aqui, que recursos foram utilizados e como organizei o material colhido em campo. Cada produto foi elaborado com tempos e propostas diferentes de consolidação do enredo da vida de cada pessoa.

Tantas vezes Sônia me questionou: por que você está me perguntando isso? Por que está preocupada com os meus pés para fora da barraca? Marcos também perguntou por que me interessei em parar para conversar com ele. Essas divagações me faziam

---

<sup>9</sup> PRADO, Amanda. **Elas não se sentem livres**. Disponível em: Revista Gênero e Número. <<http://www.generonumero.media/elas-nao-se-sentem-livres/>> Acessado em 15/08/17.

pensar que, no fundo, não importa muito o que Marcos ou Sônia ou Marcondes vão se tornar daqui a alguns anos. Não é o final da história ou a redenção “feliz” que ditará sua relevância, mas o que cada um é agora justifica a tudo – tanto o texto quanto o encontro.

Algumas vezes voltei para casa, depois de horas de entrevista, e não conseguia escrever sobre tudo o que havia escutado. Precisava de um tempo para deixar assentar o turbilhão das emoções que cada encontro me provocava. Todos os personagens deste trabalho me paralisaram em alguma medida, despertando-me para reflexões inéditas sobre algum aspecto das relações humanas.

### **3.1. Os encontros**

Todas as conversas partiram de um encontro. Dos cinco, o primeiro e mais antigo foi com Lauracy Serafim de Jesus, ex-moradora de rua do trecho entre a rua Rodrigo de Brito e a rua Arnaldo Quintella, em Botafogo, zona sul do Rio de Janeiro. No começo do ano de 2015, fui morar em uma república estudantil para quatorze meninas na Rua Rodrigo de Brito e, conseqüentemente, acabei me aproximando da moradora de rua intrigante que, carinhosamente, todos chamavam de Laurinha.

Lauracy

No ano anterior, fui estagiária da TV Band, que fica na rua Álvaro Ramos, também em Botafogo, e durante o trajeto para o trabalho eu presenciei, diversas vezes, aquela mulher suja andando pausadamente pelo bairro, enrolada em sacos pretos de plástico e sempre muito serena, embora nunca desse confiança a ninguém. Passava quieta e despreocupada, comprometida com alguma tarefa que ninguém sabia qual. Ainda que parecesse estar alheia, estava atenta ao seu entorno.

A figura curiosa de Laura me chamava atenção, mas nunca me aproximei para conversar ou saber mais sobre ela, apenas fixava o olhar por alguns instantes e seguia o meu caminho. Até que, com a mudança de casa, o cenário ficou propício para possíveis diálogos – pensei. Não aconteceu com a facilidade que parece, porque Laura, muito desconfiada de todo mundo, dava quase nenhuma bola para as minhas tentativas de puxar assunto e saber mais sobre ela. Quando acontecia, era motivo de comemoração – e cada pequeno dedo de prosa era interessante pra mim.

Quando percebi a força e a riqueza por trás do mistério que ela carregava, comecei a escrever num caderno seções de texto intituladas “Meus dias com Laurinha”, onde anotava todas as conversas, a cada dia, e o que ela estava fazendo no momento em que a encontrei. Muitas vezes valia apenas cumprimentá-la de longe, porque passei a compreender quando podia e quando não podia me aproximar. Os vizinhos mais entendidos também já eram capazes de reconhecer se Laura estava ou não em um “dia bom”. Isso significava respeitar e obedecer, pacientemente, ao ritmo dela.

### Marcondes

O segundo encontro foi com Marcondes Silva, depois de saber brevemente sobre a sua história com Getúlio Fidelis, coordenador do pré-vestibular comunitário Invest, em Botafogo, onde fui voluntária na equipe de Linguagens durante um breve período de 2015. Marcondes, ex-aluno do Invest, estava voltando para sua terra natal e Getúlio compartilhou no Facebook uma campanha do Sebo Baratos da Ribeira, convocando para a doação de livros que ajudassem a biblioteca Maria do Carmo, na Paraíba.

Teria pouco tempo se desejasse encontrá-lo, porque o rapaz paraibano estava de partida para a terra natal. No dia 24 de outubro de 2015, enviei uma mensagem no Facebook pedindo solicitação de amizade. Como o Getúlio não tinha o telefone dele, o jeito era arriscar pelas redes sociais. Marcondes respondeu, no dia 25: “viajo em 27 de outubro. Por volta das 13h, estarei saindo para o aeroporto”. Combinamos às 9h do mesmo dia no metrô de Botafogo.

### Maria

O terceiro encontro foi com Maria, no momento em que decidi sair da Escola de Comunicação para cursar disciplinas eletivas em outras áreas da universidade. Ao me matricular em Antropologia Cultural e Introdução à Ciência Política no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da UFRJ, no Centro do Rio, para onde eu ia às terças e quintas pela manhã, conheci Maria entre os alunos de primeiro período. Lembro que seu jeito me chamou atenção em meio à turma lotada e participativa. Maria sempre teve olho vivo, curioso, disposto a trocar e a dividir.

A turma tinha outros alunos mais velhos, embora mais novos do que ela. Da sala inteira, ninguém me cativou mais do que Maria, com quem as conversas também passaram a figurar nos meus cadernos com o título “Meus dias com Maria”. Assim



como no encontro com Laura, eu via na Maria uma grande história, que poderia vir a ser transformada por mim, em algum momento, em material jornalístico. Nos dois casos, o sentimento era muito parecido: eu não podia ouvir todas aquelas coisas incríveis que elas diziam e guardar apenas para mim.

### Sônia

O quarto encontro, com Sônia, foi o que definiu este trabalho. No fim do dia 1º de novembro de 2016 e começo do feriado, dois de novembro daquele ano, nossos caminhos se encontraram em meio à turbulência das eleições municipais no Rio, poucos dias depois da definição de que o novo prefeito seria Marcelo Crivella. Embora não tenha sido o foco do assunto, falar de política foi inevitável naquele contexto. Assim como foi inevitável associar a história de Sônia ao vazio de políticas públicas que atendam a quem nasceu onde e como ela nasceu.

Os pensamentos que ela compartilhou comigo me alertaram para tantas “dores do mundo” que decidi que era a voz dela que eu queria ajudar a espalhar, se pudesse, no exercício dessa profissão que erra muitas vezes ao falar das Sônias e ao falar com as Sônias que existem. Meu gesto, imaginei, talvez pudesse soar como bandeira clássica do jornalismo – gritar por igualdade, por empatia, por amor e por justiça.

### Marcos

O quinto e último encontro foi com Marcos, depois de minhas andanças por um bairro que raramente estaria no meu percurso se eu não tivesse mudado de casa mais uma vez – o Flamengo. Em junho de 2017, mudei de casa e passei a contemplar outros cenários da cidade no estilo *flâneur*. É quase como uma obrigação: arranjar tempo para andar sem preocupação alarmante com as horas e os compromissos inadiáveis. Como nem tudo acontece como no manual, meus primeiros diálogos com Marcos foram puramente visuais – como conto na reportagem – em que ele me via e eu correspondia com pressa. A pressa de quem opera sob a égide da vida urbana urgente.

## 3.2. Anotações e gravações

Um aspecto parecido entre meus registros de Maria, Sônia, Marcondes e Marcos, que ainda estão vivos durante o processo de construção das crônicas-reportagens, é que fiz perguntas mais ou menos semelhantes para todos no momento da gravação de vídeos. Perguntas diretas e simples, como “O que é a vida pra você?”, diante das quais eu deixava cada um livre para as divagações, sem calcular o momento em que cada um deveria esgotar a resposta.

### Lauracy

Além do material escrito que guardei como “Meus dias com Laurinha”, sobre Laura, gravei vídeos e áudios no celular com depoimentos dela. Embora não gostasse de ser filmada e na maior parte das vezes não percebesse que a câmera estava ligada, reconhecemos que ela aceitou ter a história contada por mim em um “trabalho da faculdade”, como expliquei que seria a reportagem sobre ela que fiz da primeira vez, em escala menor de detalhes e relatos, para a disciplina de Telejornalismo.

Ainda assim, boa parte das nossas conversas foi permeada de perguntas dela sobre mim. Laura perguntava como estava a minha família, como estava na faculdade e no trabalho e se eu já estava perto de me formar. Ela entendia perfeitamente toda a minha rotina, ainda que não demonstrasse nenhuma opinião sobre minhas atividades, mas sabia onde ficava a universidade e sabia do meu estágio no Jornal O Dia, na época. Quando mudei de casa, combinamos que eu voltaria para visitá-la de vez em quando, o que fiz algumas vezes. Diminuí o ritmo logo que senti que não vê-la todos os dias era também um atestado de redução de palavras trocadas comigo, como se os laços invisíveis de intimidade fossem ficando cada vez mais fracos.

Quando não a procurava diretamente, o que de fato aconteceu pouquíssimas vezes, eu ficava satisfeita de passar na rua em algum transporte (carro de reportagem, táxi, ônibus) e vê-la de longe. Era uma espécie de conforto, mesmo que obviamente essa distância não me trouxesse nenhuma notícia mais elaborada sobre ela. E, por outro lado, também dizia muito pouco a ela sobre meu interesse e minha alegria em vê-la “bem”.

### Marcondes

Como meu encontro pessoalmente com Marcondes foi uma única vez, já que ele estava voltando para sua cidade, utilizei todos os recursos possíveis naquele momento

para guardar os arquivos, mesmo que eu ainda não soubesse como iria utilizá-los. Assim, escrevi frases dele e observações minhas em um bloco de notas que mexeu comigo durante vários dias depois da entrevista, porque representava um universo de novidades e uma história de força que me tirou de posições confortáveis durante a reflexão sobre uma vida de retirante pobre na “cidade maravilhosa”, onde o paraíso favorece indiscutivelmente mais a quem pode pagar por ele.

Para construção do texto, utilizei todo o material que havia guardado e me comuniquei virtualmente com Marcondes diversas vezes, sendo uma delas marcada propositalmente para atualizar as informações que eu tinha. Ficamos online checando dados e notas sobre a vida dele durante quase quatro horas, em um fim de semana de novembro de 2017, e visitei suas redes sociais para garimpar registros que me dissessem mais alguma coisa sobre ele que não estivesse sido pontuada entre nós antes.

### Maria

Sobre Maria, reuni os diálogos transcritos no caderno durante os meses em que compartilhamos o espaço da sala de aula e, depois de definida a proposta de reportagem sobre a sua vida para o meu trabalho de conclusão de curso, marquei alguns reencontros, sobre os quais falarei mais a seguir. Nesses reencontros, utilizei recursos tanto de áudio como de vídeo para registrar as falas da Maria e seus pensamentos sobre as questões que eu abordava. Todos foram utilizados na construção do texto sobre ela.

### Sônia

Apesar de Sônia ter me dado, sem saber, a certeza de que eu precisava usar o espaço da monografia para contar histórias como as dela, eu tive muito pouco registro das falas dela durante os primeiros momentos. Isso porque anotei apenas frases curtas e observações pontuais no nosso primeiro encontro. Dessa forma, era fundamental conseguir reencontrá-la para que a reportagem seguisse um caminho com sentido e com mais informações completas sobre a vida entre o Leblon e Belford Roxo. Nos encontros seguintes, registrei as falas num bloco de anotações e em vídeo, que foram fundamentais para encontrar um eixo no que eu havia começado a escrever.

No caso da catadora, uma particularidade foi o fato de que nos comunicamos diversas vezes por Whatsapp, mesmo que quase nunca a conversa fosse instantânea,

com as duas online ao mesmo tempo. Por conta das limitações na utilização do celular nos dias em que estava no Leblon, Sônia quase nunca estava disponível nos momentos em que eu podia falar. Seu celular geralmente estava desligado (conseguir um lugar para carregar é sempre imprevisível) ou ela estava sem internet mesmo quando tinha bateria.

Marcondes

Quase todas as anotações sobre Marcos foram feitas no bloco de notas do celular. Sem dúvida, ele é um dos entrevistados que mais fala rápido e mais fala coisas importantes de registrar “em série”. Anotar no celular era fundamental para que eu não perdesse o fio das histórias dele, uma vez que escrever no papel é mais demorado. Além do celular, gravei vídeos que vão ser utilizados na apresentação do trabalho para a banca e devem vir a ser incorporados a um experimento digital com a reunião das cinco histórias aqui retratadas, no futuro.

### **3.3 Reencontros**

Com Laura, o último reencontro foi no Cemitério de São Francisco de Paula, no Catumbi, zona central do Rio. Sônia Domingues e o marido já tinham arrumado tudo quando cheguei e encontrei Laura no caixão. Fiquei sabendo da morte por uma colega da república, Alexandra de Paula, que me escreveu para dizer que lembrou de mim ao ter sido comunicada sobre o falecimento de Laura. O que se sabia era que ela tinha passado mal durante a tarde e que recusou o atendimento médico do Samu, na primeira vez em que chegaram para atendê-la. Isso não era surpreendente, já que Laura tinha medo de ser levada para abrigos da prefeitura e sempre recusava qualquer ajuda de “terceiros desconhecidos”. Na segunda volta do Samu, ela já estava morta.

Marcondes

Pela distância entre o Rio de Janeiro e Queimadas, em Serra Redonda, na Paraíba, eu só reencontrei pelas redes sociais e pelo telefone. Além das interações para o trabalho e das intenções profissionais da nossa relação de “jornalista e fonte”, Marcondes talvez tenha sido aquele que, entre os cinco, soube mais da minha vida

durante essa convivência fundamental para reportagem. Ele é o que tem um perfil ativo no Facebook, por exemplo, por meio do qual estamos constantemente sendo colocados um diante do outro com as postagens que fazemos.

### Maria

Para ter mais informações e enriquecer o que eu havia guardado sobre Maria, marcamos reencontros pelo menos duas vezes. Na oportunidade mais relevadora sobre a vida dessa universitária que diz tanto sobre o Brasil, fui até a casa dela em Campo Grande, na zona oeste do Rio. Parti do metrô do Largo do Machado até a estação Central do Brasil, por volta de 11h da manhã de oito de setembro. De lá, peguei o trem do ramal Santa Cruz até a estação de Campo Grande, onde Maria me esperava para seguirmos juntas rumo à sua casa, na última condução que restava até o nosso destino. Naquele dia, ficamos juntas até o pôr do sol. Quando voltei, já estava anoitecendo.

Em outro momento, marcamos na Confeitaria Colombo, no Centro, o que acabou funcionando como um encontro para lembrar nossa primeira ida à confeitaria, quando eu ainda frequentava o IFCS. Foi numa tarde de outubro a segunda vez, e Maria estava encantada com aquele retorno, enquanto se deslumbrava e lamentava muito a situação da cidade e do país. Para ela, testemunhávamos e ainda testemunhamos um tempo de desvalorização da nossa história e dos lugares que preservam essa memória, seja por meio da arquitetura, da arte ou dos livros. Naquele café, nossa conversa acabou sendo mais poética e menos literal sobre dados da vida dela.

### Sônia

Foram três reencontros, considerando que a ligação do porteiro João Batista, como exposta na reportagem, foi uma forma de primeiro reencontro, fundamental para que todos os outros existissem. Ao ter notícias concretas dela, pude traçar as novas rotas de produção. Pessoalmente, o segundo encontro de fato foi numa manhã de quinta-feira, no Jardim de Alah, quando me reapresentei e duvidei se ela lembrava mesmo de mim. Senti Sônia desconfiada das minhas intenções, conversamos brevemente porque eu estava a caminho do trabalho, no Jardim Botânico, e deixei um sanduíche e uma quantia em dinheiro para ajudar nos medicamentos do marido doente.

Por fim, marcamos para valer um novo encontro que me embasaria melhor para a reportagem. Consegui ligar e falar diretamente com ela para saber da disponibilidade. O combinado era que eu chegaria às 21h do dia 19 de outubro. Dessa vez seria à noite. A ideia era acompanhá-la no trabalho e conversar sobre o que ainda não havia sido dito. Cheguei um pouco antes da hora marcada, em frente à Padaria Rio-Lisboa, e ela já estava lá, na esquina do outro lado, conversando com um colega que também vive pelas ruas do Rio de Janeiro. Ficamos um pouco os três papeando, mas logo Sônia se adiantou em me chamar para outra calçada para falar dela e atualizar a saúde do marido.

Marcos

A dinâmica dos nossos reencontros seguiu menos combinações e mais possibilidades do acaso, já que é o mais próximo geograficamente de mim. Isso facilitava para que eu passasse por ele sempre que pudesse andar por onde ele “mora”. Apesar de estarmos no mesmo bairro, o local onde ele fica não é exatamente no meu caminho natural, mas é possível vê-lo de longe mesmo quando passo de ônibus na Praia do Flamengo, especialmente na volta do trabalho, quando ele já está dormindo.

Oficialmente, eu e Marcos nos reencontramos três vezes depois do primeiro diálogo sinalizando a reportagem. Em uma, ouvi mais sobre a história dele e gravei vídeos. Nas outras duas, procurei-o com a “desculpa” de pagar pelos livros que eu havia levado no encontro anterior, mas era também uma forma de observá-lo mais e reunir mais elementos sobre ele. Coisas banais, até, como a “colcha de cama” que havia mudado do primeiro para o último encontro.

### **3.4. Decupagem e transcrição**

Na maior parte dos casos, fiz decupagem de entrevistas em áudio e transcrição de alguns trechos de depoimentos em vídeo. No caso de Laura, poucos áudios foram utilizados, mas diálogos registrados em vídeo foram fundamentais até para lembrar as expressões faciais dela em cada contexto, já que a memória sobre os detalhes vai ficando mais distante devido ao tempo em que foram produzidos. Além disso, os registros no caderno foram selecionados para compor a crônica-reportagem.

O mesmo aconteceu com Marcondes e Maria, quanto à utilização de vídeos para registrar alguns momentos das conversas. Dos dois gravei áudios que também foram bons para captar o ritmo das falas e os pormenores que muitas vezes escapam à escrita corrida do bloco de notas em papel. Nos casos de Sônia e Marcos, não usei gravação em áudio, mas pontuei por escrito os trejeitos e olhares deles, fundamentais na hora de falar sobre suas vidas e seus sentimentos em relação às palavras que proferiam.

Em todos os encontros e reencontros, utilizei muito a fotografia como elemento de observação, mesmo que eu não tivesse a intenção de anexá-las ou publicá-las junto com as reportagens. Em diversas situações, o registro fotográfico é útil para a minha escrita quando posso descrever melhor alguns objetos que não tive tempo para analisar com calma e que às vezes podem ser úteis para a história que está sendo contada. No caso de Marcos, por exemplo, fotografar o livro que ele pegou como favorito foi importante para que eu lembrasse o título na capa, já que tinha esquecido de anotar. Embora sejam relevantes, nem sempre as fotografias foram úteis. A absoluta maioria dos aspectos narrados foram colhidos no momento da entrevista.

### **3.5. Escrita**

O processo de escrita de cada um não foi linear. Nos casos de Laura e Marcondes, cujas histórias estavam em retalhos nas pastas de arquivos que guardei durante muito tempo, os textos foram feitos por último. À Laura, de certa forma, não posso voltar porque ela se mudou para outro mundo. Mas ao Marcondes voltei diversas vezes enquanto surgiam dúvidas durante o processo de estruturação do texto, em especial pelo fato de que algumas coisas poderiam ter mudado nesses anos em que ele passou a viver na Paraíba.

#### **Lauracy**

Sobre Laura, busquei construir um texto que pretende ser firme ao passar mensagens sobre sua vida, mas inevitavelmente é uma narrativa da morte. Uma história com fim, diferentemente das outras, e de uma despedida digna, contrariando toda a corrente de desesperança a que somos cotidianamente submetidos quando a maldade parece prevalecer nas notícias. No Rio de Janeiro, a notícia de que uma moradora de rua

foi assassinada em Copacabana virou o assunto mais clicado durante alguns dias nos principais sites noticiosos, em novembro de 2017.

O mundo conheceu Fernanda dos Santos depois de seu assassinato<sup>10</sup> injusto e brutal. No caso de Lauracy Serafim de Jesus, a tentativa na condução da reportagem era de que a notícia pendesse para o aspecto positivo: a moradora de rua que morreu por problemas de saúde e não foi enterrada como indigente porque, por incrível que pareça para alguns, um grupo de pessoas se reuniu e mudou o resto da frase habitual.

### Marcondes

Para falar sobre dele, reuni alguns dados sobre migração de retorno para o Nordeste com o objetivo de entender melhor esse movimento no Brasil. Os dados eram relevantes do ponto de vista da contextualização da história dele e do sentimento que guiava o desejo de volta, certificando que os muros que separam nordestinos de sua terra natal estão cada vez mais frágeis quando homens e mulheres retirantes já não aceitam mais qualquer situação para continuar vivendo (ou sobrevivendo) e trabalhando no sudeste. Marcondes desistiu de viver no Rio porque desistiu de suportar a saudade de casa e da família, a troco de trabalhos que se repetiam. Ele apostou no sonho da criação da biblioteca como alternativa para mudar o destino de muitos meninos e meninas que poderiam ser como ele, depois de compreender todo o seu percurso até chegar no topo da laje de um prédio em construção no Leblon, zona sul do Rio. Minha ideia girava em torno disso: “agora que sei que o livro salva, quero mostrar isso a mais gente”.

### Maria

Ao escrever sobre ela, foquei na questão da universidade como elemento central da sua descoberta gradual de si. Como no texto sobre Marcondes, a Educação é muito protagonista dos anseios de cada um deles no relato sobre suas perspectivas e decepções ao longo da vida estudantil – pelo que não tiveram, pelo que poderiam ter e pelo que buscam depois de crescidos, já que agora estão cientes de suas escolhas (o que não

---

<sup>10</sup> Moradora de rua assassinada em Copacabana fugiu de casa aos 12 anos. Disponível em: Jornal O Globo. <<https://oglobo.globo.com/rio/moradora-de-rua-assassinada-em-copacabana-fugiu-de-casa-aos-12-anos-22079498>>. Acessado em 18/11/2017.



acontecia na infância e na adolescência, porque precisavam trabalhar para ajudar a família nas despesas de casa).

Como todas as paisagens da história que escrevo sobre Maria são no Rio de Janeiro, também achei importante pontuar a região da cidade onde ela mora como algo que problematiza ainda mais a sua condição de universitária com mais de 60 anos, pobre, três conduções, muitas horas no transporte público e moradia distante da universidade, em um bairro que não tem a cara do Rio turístico.

### Sônia

Enquanto reunia o que registrei sobre Sônia, optei por revelar o nome dela apenas no final. Dessa forma, reforçaria, de forma irônica, a imagem de “mulher que todo mundo olha, mas ninguém vê” e que, por conseguinte, ninguém sabe o nome. Nem se importa em saber. Aliás, evita saber. Um aspecto interessante também é a questão de que ela vive na rua, entra nas estatísticas da Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos da Prefeitura do Rio, mas não representa uma pessoa a mais na possibilidade de lotação de abrigos públicos porque tem casa na Baixada Fluminense. Vive na rua para trabalhar, mas tem para onde voltar, diferente de Marcos.

### Marcos

A vida de Marcos é a rua em sua integralidade. No texto sobre o poeta que nunca se apaixonou, procuro abordar os sentimentos humanos mais íntimos e a percepção de um homem solitário que tenta ser feliz com o que tem. Apesar das dificuldades de não ter uma casa, a ida para a rua, no caso de Marcos, é pautada um pouco mais pela escolha do que na história de Sônia ou de Laura (pelo pouco que sabemos). E é boa, pelos olhos dele. Não há uma narrativa do “coitadinho” nem do “foco de perigo” porque Marcos não tem um teto de “verdade”. Marcos não é ameaça. Aqui, ele inventou que a Literatura o protege de todo o mal, desde que ele não apague o sorriso do rosto. Eu acreditei e achei um jeito de contar ao mundo sobre isso

#### **4. Notícias do Rio: outras narrativas possíveis**

As cinco crônicas-reportagens nascem, como já explicitado, de um desejo de “contar” o que “vi e ouvi” nas andanças pela cidade. O intuito, além de cultivar um modo de fazer jornalismo que muito me entusiasma, é colocar Sônia, Marcos, Maria, Marcondes e Laura no mapa dos acontecimentos que pouco aparecem na cobertura massiva das nossas tragédias cotidianas. Aqui, o exercício é da reportagem como arte e arquitetura de uma escuta que coloca na vitrine, mesmo que à revelia de alguns padrões, histórias relevantes para sabermos e pensarmos o mundo em que estamos vivendo.

Considerada uma narrativa híbrida, a crônica é um gênero textual mais livre. Essa liberdade, quando emprestada à narrativa jornalística, pode tornar o texto mais envolvente. Pensar nessa aproximação como em “A vida ao rés do chão”, de Antonio Candido (1992), sugere alguns elementos da crônica que podem ser assimilados pelo jornalismo: “Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela (a crônica) é amiga da verdade e da poesia”.

Com essas ponderações, além da reflexão teórica anteriormente exposta, apresento o resultado prático. Foi o mistério de querer entender o que uma mulher fazia na rua, sozinha, à meia noite, que me convocou a tecer o conjunto de histórias a seguir, formando o que chamo de “outras narrativas possíveis”.

##### **4.1. Reportagem 1: A mulher que se acostumou aos cheiros que preferimos evitar**

No Leblon existe uma mulher que não se importa com a proximidade do mar. Nunca vai à praia, não se diverte com as ondas e não sabe nadar de nenhum jeito. Todo mundo olha e ninguém a vê, camuflada atrás de uma carroça numa esquina da Ataulfo de Paiva. Sobre um tamborete, repousa o corpo introvertido. Tem 60 anos e dois endereços. Mora no Leblon, mas também mora em Belford Roxo. Não Belford Roxo com T, uma rua que leva à Praia de Copacabana. Belford Roxo da Baixada, com D, a cinquenta quilômetros do mar da Zona Sul.

"Acho lindo o mar, mas iria pra quê? Tenho medo da água". Ninguém que passa sabe seu nome, mas ela está lá todos os dias. Vaga pelas noites à procura do seu sustento. Vai e vem entre as ruas do bairro, com a serenidade de quem não tem do que reclamar. Pensa pouco no futuro. Começa o trabalho quando anoitece e só para quando a coluna reclama. Precisa estar atenta ao trânsito e ao chão, observando o que todo mundo já dispensou. Teria se acostumado ao asfalto cinza? Ainda olha o céu?

Entre as poucas escolhas possíveis, ter dois tetos foi uma delas. Mas, se pudesse, ela ficaria com um teto só, e não sairia de perto do marido e dos filhos. Isso significa, basicamente, ter um trabalho fixo, com horas bem demarcadas e a possibilidade de ir e voltar sem que lhe falte dinheiro para o deslocamento. Não é simples conseguir emprego de novo. A realidade se pintava um pouco menos dura quando ela era chamada, vez ou outra, para fazer alguma faxina nos apartamentos chiques da orla. Agora nem isso. Com a idade avançada e sem o currículo que exigem por aí, catar papelão é a condição para amenizar a falta de comida na mesa.

No Leblon existe uma mulher que não se importa com o cheiro de lixo. Depende dele para ter do que se orgulhar ao fim de cada jornada. Revira tudo com delicadeza. Sente com os olhos e vê com as mãos. Aprendeu cedo a se desdobrar em mil. E seguiu quase sempre o mesmo caminho, certa de uma verdade: precisa colocar dinheiro em casa. Passa a semana inteira pensando no que vai poder comprar, infalível na missão de ser forte. Depois vem a prática de desviar dos automóveis enquanto mira lixeiras e canteiros, juntando os restos dos outros ou algo que valha algum centavo.

Faltar dinheiro e comida é grave quando se tem um marido doente que mal pode sair da cama. Com ele, dez filhos e vinte e quatro netos. Tanta gente que não deu tempo de pensar em estudar. Ela ouve com estranhamento a palavra "universidade". Trabalha desde os quinze anos e completou a escola só até a segunda série. Sabe ler, mas quase não sabe interpretar. Se tivesse outra chance, que destino trilharia?

Na confluência da Ataulfo com a Rua General Artigas, a gente se encontrou pela primeira vez. Véspera de feriado, trecho próximo à padaria que nunca fecha, número 1.030. Eu caminhava em estado de contemplação, espiando a rua, quando me assustei com a altura da pilha de papelão diante daquela mulher preta, rodeada de uma solidão que atravessava tudo. Procurava alguém? Pelas contas dela, ao menos duzentos quilos de livros e papéis diversos pairavam à espera de dois braços sozinhos, companheiros do peso do mundo.

O endereço no Leblon é uma fantasia entre aspas. Pode-se dizer temporário, mas é onde a mulher passa a maior parte dos dias. Onde o teto é de plástico e tudo é fora de lugar. Nenhuma refeição tem hora ou estabelecimento fixo. Às vezes nem tem refeição. Ficar no Leblon é uma necessidade, indispensável para que seja possível sustentar a casa em Nova Aurora, um bairro distante da estação de trem de Belford Roxo, para onde ela volta nos fins de semana. Próximo a uma outra Avenida Atlântica, onde não tem nem palmeiras nem coqueiros, e ainda passa charrete.

### **Corpo de reportagem**

Como reencontrar aquela mulher que vi uma única vez? Como ter mais informações? Onde procurá-la para dizer que eu gostaria de ouvir mais sobre sua história? Numa das primeiras manhãs de setembro de 2017, João Batista, porteiro cearense de um prédio no Jardim de Alah, ligou para o meu telefone. No mês anterior, havíamos trocado mensagens a respeito da mulher que, segundo ele, andava sumida do bairro. Na hora, não vi a chamada e só minutos depois retornei. “Eu estava com ela!”, disse ele. “Consegui encontrá-la. Estou indo resolver algumas coisas, mas às 11h vamos estar juntos novamente. Ligo para você”.

Feito. Era a minha oportunidade de reencontrá-la, saber como estava, ouvir algum paradeiro. Três dias depois, fui ao seu endereço precário no m<sup>2</sup> mais nobre da cidade, onde ela fica durante a semana. Cumprimentamo-nos e logo percebi: parecia muito desconfiada, mostrava não entender os motivos da minha aproximação. Contava que os colegas da rua tinham lhe dito para ficar atenta, porque, provavelmente, sendo eu jornalista, minha intenção era recriminá-los ou provocar prejuízos de alguma forma. Eu não sabia o que dizer. Como provar minha intenção?

Naquele dia, não vi seu sorriso uma única vez. A mulher do semblante sereno que empurrava um carrinho na madrugada do feriado de dois de novembro de 2016 tinha dado lugar ao silêncio e à palidez. “Deixa eu te mostrar o meu marido”, convocou, procurando as fotografias das queimaduras na galeria de fotos do celular. “Ele ficou sozinho em casa esses dias. Não sei se foi acender um cigarro, sei que sem querer incendiou a casa toda”. Lamentei de coração aberto, falamos de curativos, tratamentos e remédios. Um minuto depois não havia mais diálogo.

Marcamos uma conversa mais demorada, para quando ela se sentisse confortável. Aconteceu numa noite de quinta-feira de outubro, sem armaduras, quase

um ano depois do primeiro contato. “Eu vejo sinceridade no seu olhar”, ela disse, sinalizando que me deixaria entrar. E abriu as portas do seu universo.

### **Estratégias de sobrevivência**

De segunda a sexta, a catadora que há tantos dias me comove diz que mora, mas na verdade improvisa, entre a Avenida Borges de Medeiros e a Epitácio Pessoa, em frente ao Clube Monte Líbano. Também diz que dorme, mas na verdade cochila. Do travesseiro de papel onde encosta a cabeça, não dá para ver a Lagoa Rodrigo de Freitas. A barraca de papelão montada sobre a calçada de cimento, coberta com lona preta, é a alternativa mais segura para que a mulher mais velha do grupo de catadores descanse. Cobre quase tudo, menos os pés, mesmo que a inquilina curve o corpo.

A vantagem é que o revestimento de plástico protege da chuva, mas, em meio a tantas dificuldades, isso importa pouco. De acordo com um levantamento realizado em 2016 pela Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos, o ano de 2017 começou com mais de 14 mil pessoas morando nas ruas do Rio. A maior parte, 42%, tem ensino fundamental incompleto. Uma faixa de 18% se ocupa com algum trabalho e 45% são catadores. Do total de pessoas abordadas, 14% são mulheres, como a dessa história. Uma mulher que, diferente da maioria, não carece de abrigo público porque tem uma casa para onde voltar, mesmo que precise esperar a semana inteira.

A vida ao relento é cheia de salve-se quem puder. Mas é também uma teia de solidariedade. Numa noite quente de outubro, vi a mulher passar as mãos nos cabelos e pedir que eu a esperasse. “Deixa eu me arrumar”, disse, antes de entrarmos na padaria. “Você está ótima!”, respondi. Ela sorriu encabulada, como se duvidasse.

Adentrou o estabelecimento pela porta esquerda, esgueirando-se para perto da assadeira de frango. Catava os restos de pele e ia comendo sem cerimônia, afastando os ossos largados no recipiente onde se fatia os pedaços já prontos, antes de entregá-los aos clientes. Não há qualquer alarde sobre lavar as mãos nas regras da rua. É o de menos. “Venha, escolha o que quiser!”, eu disse. Escolheu um pão francês. Saiu andando com o pacote, satisfeita, depois voltou para colocar mais um. Pediu o café carioca, um tipo de expresso mais longo. Total: R\$ 4,25. Antes de ir embora, ainda ganhou uma porção pequena de batatas do dono do estabelecimento.

Eu queria que sentássemos em frente à padaria, como todas as outras pessoas. Ela já caminhava para o meio-fio da rua lateral. Pedi que ficássemos nos bancos da

calçada mesmo, encarando os olhares incomodados. Um homem que nos observava desde o princípio disse: “É muita disposição que ela tem”. Eu concordei, continuei a conversa. Ele se levantou e saiu. Por um lado, gosto do contraste de estar com ela ali. É como um afrontamento. “Deixem essa mulher, preta e suja, ficar aqui”, mentalizei.

Dois homens passam arrastando uma carroça com muitos itens para reciclagem. Ela acena, levanta o braço e mostra o pão. Os dois rapazes se aproximam. Ela divide o café, corta o pão francês com a mão e dá um pedaço ao primeiro. "Tá gostoso, hein?", diz ele. Ela entrega o pote de batatas assadas ao segundo. "Quer pão também?", pergunta. "Eu aceito", ele responde. Mais tarde, outro colega de rua oferece cigarro. “Essa é a única coisa que eu uso. Estou aqui há mais de quarenta anos e nunca me perdi na droga. Não vou dizer que nunca provei nada. Já provei. Mas não gosto”, conta.

### **O lixo dos outros**

Duas voltas em um quarteirão do Leblon e qualquer comerciante sabe quem ela é. Às vezes, parece ter um olhar cabisbaixo, embora reaja à vida sem nenhuma resignação. Não curva o sorriso para qualquer um, mas cultiva uma alegria própria, capaz de protegê-la das insanidades da metrópole. “Só Deus para me guardar, Amanda. Eu não estaria aqui se não fosse a proteção dele”. Quando precisa de algo, pede. Principalmente pão, cigarro e café. Lembra de todo mundo que já lhe estendeu a mão. E fala, apontando: "aquele ali tem um coração enorme. Sempre me dá batatas". Ou acena para uma mulher que não a reconhece, chama pelo nome e diz: "A senhora me pagou um café com leite na semana retrasada. É uma pessoa muito boa".

Há uma hora na madrugada, perto da padaria, em que se aproxima um caminhão da Comlurb. É onde os garis param para lanchar. Ela também está lá, ao lado de uma montanha de papelão. Paulo Henrique, um gari jovem e simpático, aproxima-se com festa. Cumprimenta a mulher às gargalhadas, chama de tia, diz que a conhece há quase dez anos, na busca pelo lixo do oásis carioca dos turistas. Num bar ao lado, um grupo de jovens com copos de cerveja na mão gritava: “Não vai ter golpe. Uh, é o Freixo! Uh, é o Freixo...”. Perguntei: você sabe quem é o Freixo? Ela respondeu: “não. Ouvi dizer que quem ganhou foi um tal de Crivella. O que será que ele vai fazer com nós, mulheres?”.

Embora se sinta tantas vezes só, ela sabe, no fundo, que nunca está desamparada. "Sempre aparece um anjo. Sempre chega alguém que ajuda. O dinheiro que consigo com o papelão é para levar pra casa e comprar a comida da semana, os remédios do

meu marido...", enumera. Guarda o dinheiro no sutiã. Não é muita coisa, mas é o que dá. Como não tem uma carroça própria, ela usa a de um amigo. É por isso que precisa trabalhar à noite, porque durante o dia é a vez do dono. Quando a tarde vai se enluarando, é hora de sair. O sossego vem quando o ombro cansa, mesmo que não tenha reunido tanto material. E o que fica não passa de 30 reais por dia. Raramente dá mais.

É uma mulher que não está acostumada a se olhar no espelho. Nem a se ver em fotos. Pego o celular e mostro a foto da primeira vez em que nos encontramos. "Sou eu mesmo?", pergunta, aproximando a tela do rosto, examinando-se com profundidade. "Não costuma ver fotos suas?". "Não. Não assim." "Assim como?". "Com essa câmera. A imagem do seu celular é muito boa. As cores são lindas. Azul é azul. Verde é verde. Estou impressionada." Tiro uma foto mais recente. Depois mostro. "Sou eu de novo?", ela questiona. Fica tímida diante da ideia de falar para o vídeo. Depois gosta, ensaia sorrisos abertos e pede para se ver.

Naquela noite de primavera, ela usava saia estampada em tons de preto e verde desbotado. Brincos prateados, chinelos e colar com pingente azul. Tudo veio do lixo. Ainda há esmalte bege nas unhas já crescidas. "Ih, minha filha, nem olha para as minhas unhas que elas estão muito sujas...". Gosta do Leblon, da movimentação das pessoas. "Onde eu moro é muito parado". Já se acostumou a dormir no papelão e com o imprevisto de tê-lo ou não tê-lo. Guardas municipais já levaram sua casa durante operações de "ordem urbana" e o que restou foi nada. Cada noite é uma aposta.

### **O olhar dos outros**

É difícil saber o que ela pensa. Nunca entrega tudo. Seus olhos têm um horizonte distante, muito pouco decifrável se não prestar atenção. Enquanto conversa, em muitos momentos, ela olha só para baixo. Viver na rua é mudar o tempo todo de pele e criar estratégias para sofrer menos. Ou é assim ou não segue adiante.

O ritmo dos carros na avenida movimentada já estava em marcha lenta. Eram quase duas da manhã, a papelada inteira parada no asfalto, e nós duas sentadas nos banquinhos de madeira das calçadas de pedra portuguesa. "Posso te dar um abraço?", ela me perguntou. "Claro que pode", respondi. "Você não vai sentir nojo de mim?". "Nojo? Por que eu sentiria?". Ela olha para o chão de novo, desliza um polegar no outro, por cima das mãos cerradas, e responde: "É verdade". Sorri com suavidade. "Sou

uma pessoa normal, Amanda... Sou uma pessoa normal. Com esse dinheiro, vai dar para comprar um pé de galinha para fazer uma canja”.

Digo que as coisas vão dar certo. Não sei se ela acredita. O que é dar certo? Sem emprego, sem salário, sem comida na prateleira? “Será? Será que um dia eu vou conseguir de novo um trabalho fixo?”. Coloca as perguntas em sequência, me chamando quase sempre de “senhora Amanda” ou “dona Amanda”, tão habituada às hierarquias, à posição de empregada reverenciando uma patroa ou um patrão.

Se pudesse escolher uma profissão, seria faxineira. “Como é o nome daquelas mulheres que usam objetos para tirar poeira das estantes?”, pergunta, tentando lembrar o nome da profissão que habita seu mundo ideal. Sente o cheiro de desinfetante enquanto um funcionário limpa a padaria, foca no aroma e se desconcentra de mim. O olho refletia as luzes do estabelecimento, acompanhando o movimento do pano no piso de cimento queimado. “Para tudo. Sente só. Está sentindo o cheiro? Adoro limpar, passar, tirar a poeira. Acho que eu seria muito feliz fazendo isso”, conta.

O que exatamente significa sonhar para quem precisa ocupar a cabeça com coisas mais urgentes? Pergunto pela segunda vez qual seu sonho, noutra dia, noutra conversa. Da faxina, muda para “auxiliar de cozinha”, dizendo que o filho foi promovido para essa função. Embora não goste de cozinhar, acha que, se o rapaz foi promovido, talvez seja uma atividade mais rentável em termos de dinheiro.

De Natal, não deseja mais que uma cesta básica. Ao menos para que não falte alimento na ceia. Quando pode escolher a música, divide-se entre Bruna Karla, Maiara e Maráisa e Michael Jackson. Livros, para ela, são quilos a mais na coleta do dia. São objetos que garimpa para revender na reciclagem.

Ela compreende o mundo como quem aceita que “as coisas são porque são”, e seu papel diante do todo é trabalhar conformada. “Às vezes tem que ter cuidado para não surtar. É mesmo muito injusta a vida.” Acordar todos os dias já é sua contribuição a qualquer resistência. “Quem tem não liga para quem não tem, Amanda”. Ela não votou em ninguém para prefeito de nenhuma das duas cidades – nem a verdadeira, onde vive com a família, nem a imaginária, de onde tira o dinheiro que ajuda na sobrevivência.

Sáimos andando. Próximo à rua General Urquiza, ela se aproximou de um conjunto de contêineres da Comlurb distribuídos em frente a um prédio quase na esquina. Revirava lenta e cuidadosamente o lixo, à procura do que interessasse. No instante em que o cheiro do chorume subia, duas mulheres saíram pelo portão do edifício e se preparavam para pegar um taxi. Saltos, minissaias e perfumes importados numa rua



iluminada, como costumam ser as ruas do Leblon. Ao perceber que uma mulher preta revirava o lixo dos outros às 1h30 da manhã, em busca do que pra ela é ouro, as luzes da frente do prédio se apagam. “Viu só?”, ela me pergunta. E eu não tinha observado, nem feito qualquer conexão entre os acontecimentos. “É sempre assim. Quando eu chego, apagam as luzes. Em todo lugar”.

Permaneço em silêncio. “Eu sei que me preferem longe. Mas eu não esquento não, viu, Amanda? Deve ser por isso que eu ainda estou vivendo...”. E sai, andando com os livros que encontrou, empurrando o carrinho emprestado, assobiando e mirando em todas as lixeiras do caminho. “Acho que não esquentar a cabeça e não se preocupar com coisa pouca é o segredo da vida”.

Sônia Gomes Leal da Silva é catadora de material reciclável nos bairros de Ipanema e Leblon, zona sul do Rio de Janeiro. Nasceu no dia 23 de abril de 1957, em Vila Rosali, São João de Meriti, na Baixada Fluminense.

#### **4.2. Reportagem 2: O poeta que nunca se apaixonou**

Diante dos olhos do mundo, todos os dias, Marcos desafia quem o molda de insignificância. Sua primeira profissão é esbanjar desejos de bom dia, boa tarde e boa noite, acenando para cada pessoa que passa. Tem unhas sujas e chinelos gastos, usa um brinco em cada orelha e só vive porque reinventa a vida toda vez que amanhece. Ninguém nunca viu tristeza nos olhos dele. É um ser humano? Na impossibilidade de sarar suas feridas, vai pondo alegria nas dores dos outros. Não importa o dia nem a hora, ele está sempre lá, a distribuir sorrisos como quem distribui esperança.

Em sua casa não há compartimentos. A poltrona da sala é uma mala grande e velha, onde guarda toda a roupa que tem. A cama é na calçada da Rua Barão do Flamengo, esquina com a Praia. Nos dias em que não come nada, Marcos é incapaz de pedir algo a alguém. Costuma dizer que, nessas horas, adormece a cabeça no travesseiro e chama o sono, que amanhã é outro dia, o novo vem. Isso é um ser humano? Vira pra cá, vira pra lá. A barriga ronca. Ele não.

Do café da manhã ao horário de trabalho, tudo se mistura. Não paga passagem nem pega trem. Dá três passos, sai da cama e está pronto, trabalhando sobre o que sobrou de uma cadeira de escritório. Fica na sombra das placas com nome de rua,

cambaleando à margem dum futuro com cara de presente, atento à sua segunda profissão principal: vender livros usados. Marcos vende livros para não sentir fome, mas conquista tanta gente com sua alegria que recebe às vezes mais do que precisa. Falando de coisas materiais, claro, porque carinho nem sempre vem. De vez em quando aparece uma visita que não esteja correndo, mas o mais comum é ver Marcos dias e dias conversando só com o vento.

Marcos diz que é um gênio para escrever, e só escreve se estiver deitado. Desentorta o colchonete onde dorme, ajoelha-se, põe-se de bruços e encosta o cotovelo no chão para caprichar na primeira palavra. Um caderninho avisa na capa: “as palavras chegaram e assustaram toda escuridão”. Menos aos sábados e domingos, que ele detesta. São os piores dias da semana. Isso é um ser humano?

Do ladrilho onde dorme e come e escreve e sonha, Marcos vê famílias e jovens apaixonados a caminho do parque do Flamengo. Queria ser um deles. Se por algum momento ele arrisca chegar perto do mar, o coração vai se partindo aos poucos. Não aguenta não ter com quem partilhar a diversão. É a certeza de estar sozinho que desanima e machuca, mas nem sempre foi assim. “Sexta era o dia de ir pra bagunça com minha sobrinha. Cinema, parquinho. Juntava a galera toda”. Quando tinha endereço fixo, gostava muito de ir ao baile. Morou na Rocinha com uma tia e tem parentes na Mangueira e no Jardim Catarina, em São Gonçalo.

Marcos mora sob o sereno há cerca de dois anos e se define como um cara tranquilo. “Uma cara sem pressa. Sem lugar para onde ir. Sem ritmo. Sem nada.” Nas palavras dele mesmo. “Sempre fui gentil e generoso. Você já viu alguém assim? Modesto, comunicativo, educado e disciplinado”. Nas palavras dele mesmo.

Conta que se deserdou da família quando decidiu que não queria viver perto de drogas ilícitas, usadas com frequência pelos parentes. Sentia-se fora do eixo, o não querido, rejeitado, alvo das reclamações. Nunca namorou sério, nem casou, nem teve filhos. Morar com familiares lhe tirava a liberdade até de abrir a geladeira na hora que quisesse. “Por isso eu vim pra rua. Foram muitos desentendimentos”, conta, e balança a cabeça cumprimentando qualquer pessoa que pise no seu território conquistado. Se passam três, movimentam o pescoço três vezes. Uma reverência para cada um.

Tem gente que devolve, tem gente que finge que não ouviu. Tem gente que mostra que ouviu e não corresponde, tudo bem. A maioria contorce os lábios como se ensaiasse um sorriso, mas no geral fica por isso mesmo. Passam direto, quase nunca desligam do celular. Não dá pra saber no que pensam. Fato é que Marcos pensa neles.

Até quem responde só com um aceno já é o bastante pra deixar Marcos feliz, mesmo que nenhuma sílaba saia da boca. Boa tarde! Boa noite! Espero que você se sinta bem! Boa malhação! Até amanhã! Ele vai dizendo.

“As pessoas só percebem a gente quando a gente é alguém. Quando somos ninguém, ninguém nos vê. Se você é famoso, todo mundo quer um pedaço da sua glória. Se você é simples, ninguém quer saber das suas atrocidades.” Fala como poeta e prefere ser chamado assim. Poeta, como vai? Poeta, dormiu bem hoje? Nasceu José Marcos da Silva, em São Cristóvão, zona norte do Rio de Janeiro, às 5h da tarde do dia 30 de julho de 1963. Hoje é Poeta. Até bem bom pouco tempo, achava ainda que tinha 55 anos, mas ainda tem 54. Bate o pé e não acredita, mesmo diante do cálculo da idade três vezes. “Pensei que já estava mais velho e ainda estou aí...”.

### **A casa dos sonhos**

Deus e o mundo acendem um sorriso no rosto de Marcos. Porque a maior alegria do poeta é ver o povo feliz. Gosta de gente, de estar no meio da multidão, sentindo o calor humano. Seu maior sonho é ter uma casa. O outro é tocar teclado ou piano no meio de uma praça lotada de pessoas. Mas antes é preciso aprender a dedilhar um dos dois instrumentos, não importa qual. A graça é proporcionar emoção sem que ninguém pague nada. “Já pensou? Num espaço aberto e grande para todo mundo ouvir? Seria só música bonita. Gosto de ouvir Mozart e a melô do piano. O importante não é a música. É o toque do instrumento que faz mexer com você”.

Entre as músicas preferidas, Marcos canta “Casinha branca” e “Casa do sol nascente”. As duas falam do sonho de ter um lar. “Eu queria ter na vida simplesmente um lugar de mato verde, pra plantar e pra colher”, diz a primeira. “A casa dos meus sonhos é feita de ilusão. E vive sempre cheia de amor. Amor e solidão”, diz a segunda. Marcos capricha na entonação para cantar cada verso. Impõe a voz devagar e vai botando todo o sentimento pra fora, encostado na parede da única casa possível pr’agora: onde o despertador é feito de sol e o teto de céu.

Diz ele que nunca se apaixonou. “Paixão só faz a gente chorar e sofrer. É uma palavra que não dá no meu dicionário. Eu sou um sonhador. Um amante da natureza. Mas nunca fui ao cinema com alguém por quem eu fosse apaixonado”. Ficou encucado com a minha provocação sobre paixão. Voltava o tempo todo à palavra. Paixão, paixão... Paixão... “Quem vai querer se apaixonar por um cara feio como eu? Feio que

nem um cão? Só se a menina for louca”. “Quem vai se apaixonar por um cara que só pensa em escrever, em lançar um livro? Eu não reclamo de nada, não. Pra mim a vida tá boa até demais. Pior está aquele que sofre por amor...”.

Marcos me pergunta se sei que é o amor e, logo em seguida, aposta que eu não sei. Devolvo a pergunta. Sem titubear, ele confabula uma resposta dizendo que amor é o que eu estava fazendo naquela tarde. “Amor é quando você vem visitar alguém estranho sem se importar com a estranheza dele. Amor é você dar atenção para quem, a princípio, você desprezaria”. Marcos sentia tanto a falta de alguém pra conversar que eu nem precisava perguntar nada. Ele mesmo ia respondendo em série e formulando questões para as quais gerava sempre novas hipóteses.

É um homem que mora na rua e tem conta no banco, onde junta o dinheiro alimentando o sonho de comprar uma casa com o que vem dos livros. Ele exhibe cheio de orgulho os documentos na carteira, prova de que é tão gente como quem passa sem acenar. “O mundo é cheio de surpresas. Às vezes você pensa que uma pessoa é uma coisa, mas não é. Aqui na rua aprendi a sobreviver.”

Na ponta das coisas que deixam Marcos feliz, a primeira é, sem dúvida, comer macarrão. No fim de uma tarde de sexta-feira, uma mulher simpática passava às pressas e o viu. Parou, colocou a mão na cintura e perguntou: “você almoçou hoje?” Ele disse: “Hoje? Hoje não...”. Ela tirou da bolsa um dinheiro para dar a ordem: “vá almoçar”, entregando na mão dele. Depois prometeu levar o café da manhã no dia seguinte.

Como os poetas, Marcos é um fingidor. Sente dor, mas fica calado. “Não gosto de ir ao médico. Meu banho é no chuveirão da praia ou em qualquer lugar que dê. Tem porteiro que aceita eu me molhar um pouquinho quando ele vai jogar água nas plantas”. Se fica triste, não deixa transparecer. Mesmo quando lamenta qualquer coisa que seja, mantém um olhar que brilha como diamante.

“Eu sou um poeta. O poeta é um cara que sofre calado, que não reclama de nada. Nada faz mal. Entre trancos e barrancos ele vai vivendo. Todos os poetas são marcados pelo sofrimento. O sofrimento dele é declarado na poesia. É um sentimento de dentro que se expressa na escrita”, Marcos me diz, sugerindo na sequência: “Por que você não faz uma matéria sobre um cara que trabalhava com carteira assinada e perdeu tudo? Um cara que era mergulhador, que já viveu coisa melhor nessa vida?”. Como se não tivesse entendido o recado, pergunto: quem é esse cara? “Sou eu, pô.”

## **Biblioteca para moradores de rua**

Depois que saiu de casa e desistiu da convivência com a família, Marcos arrumou as malas e se mudou para Belo Horizonte. O dinheiro na carteira sempre vinha dos biscates como pedreiro e pintor. Bateu laje, reformou portas e se aventurou em outras atividades semelhantes. Já foi caseiro na vila de Trindade, em Paraty. Parou de estudar na quinta série porque não via nenhum sentido na escola. “Abandonar a sala de aula não atrapalhou a minha sabedoria. Eu já tinha inteligência de gente grande.”

Rodou, rodou e foi parar em um abrigo na capital mineira. De lá, conseguiu que comprassem sua passagem de volta para o Rio. Em terras cariocas, estabeleceu-se na frente de um colégio de elite na Praia de Botafogo, próximo ao entra e sai de artistas no espaço de cinema, onde Marcos escrevia poemas e entregava aos alunos no portão.

Depois de um tempo achando que seria feliz assim, decidiu se mudar. Motivo? Pontapés que vinham na hora do sono. Uma vez pisaram na sua perna e em outra lançaram contra seu corpo um copo trágico de café quente. No episódio da perna, um homem bêbado que morava num dos apartamentos daquela quadra empunhou toda a força que tinha para fazer “o mendigo” sumir dali. Quanto ao café, Marcos acha que veio de seguranças da região. “O ser humano podia ser muito simples sem precisar machucar ninguém. Para se vangloriar, ele prefere machucar o primeiro que vê”, diz Marcos, que também já foi alvo de xixi e de cerveja e até hoje sofre as dores da perna.

Mais ou menos no fim de fevereiro de 2017, Marcos atracou sua caravana literária num ponto chave do Flamengo. Antes, perambulou entre a Dois de Dezembro e outros CEP’s, mas o cruzamento que escolheu virou um lugar estratégico porque é passagem de pedestre para todos os lados. Ele expõe os livros a partir das 5h da manhã. Às 18h, fecha o sebo ao ar livre e “vai para casa”, embora seja muito disponível para procurar exemplares, se alguém tiver interesse, mesmo que já estejam guardados no armário – vulgo carrinho de supermercado. No fundo, Marcos gosta é da conversa.

Tudo começou quando um dia olharam para ele e disseram: é gente. O homem que primeiro o viu doou CD’s e DVD’s para que, por meio das vendas, Marcos sobrevivesse com algum rastro de dignidade. Isso foi em 2016. O que aconteceu naquele momento é o que o poeta chama de reabertura para o mundo, um impulso para se sentir útil e capaz de trabalhar. O negócio começou e até hoje só aumenta. Muita gente compra, ele diz, e muitos doam livros para que ele revenda. “Acho que pensam:

vamos levar livro, vamos fortalecer o poeta”. Da coleção que tem, Marcos leu alguns, mas não todos. Nem quase todos. “Alguns, sim. Os mais importantes”.

O desejo de construir uma biblioteca para pessoas da rua veio de uma luzinha que piscou quando ele viu que esse caminho é potente. Sair de baixo das marquises e disponibilizar diferentes tipos de livro para quem quiser ler não parece impossível, mas requer um dinheiro que Marcos ainda não tem. O acervo literário é seu maior patrimônio, o problema é que de 10 em 10 reais o barco enche devagar. “Aqui não tem livro ruim. Só é livro bom, de categoria maior. Só livro de classe”, ele diz, e julga a maioria pelo peso. Seu preferido é o menor de todos, onde está escrito na capa: amor.

### **Realidade e ilusão**

Não lembro quando foi, mas lembro que, na primeira vez que cruzei com o sorriso de Marcos, fiquei incomodada comigo mesma. Passava apressada e sorri de canto, olhei rápido, me surpreendi com o tamanho daquela entrega de felicidade gratuita enquanto eu corria. Na segunda vez, correspondi pacientemente, mas não parei, nem tinha tempo para bisbilhotar os títulos disponíveis. Na terceira, já era noite. Completamente fisgada pelo que vi, contemplei por alguns minutos, estática, o homem que dormia embrulhado nos panos. Era o vendedor de livros? O mesmo que dorme neste chão, neste instante? Aquele que, por algum julgamento inútil, eu achei que tinha para onde voltar no entardecer?

Depois do encontro que me balançou, voltei outras vezes, sem pressa e por opção, para escutar Marcos falar dele mesmo. Uma vez foi num domingo, de propósito. Quem sabe uma companhia naquele dia que ele torce para que acabe logo? Sentei-me no sofá da casa – a mala de roupas – e observamos uma horda de gente de folga, acompanhando os filhos pequenos nas bicicletas e empilhando garrafas de cerveja. Marcos contava que um conhecido chegou a chamá-lo para ir ao Aterro com outros amigos, mas ele preferiu não ir porque é tímido e “não gosta de muito barulho”.

Espreitei Marcos de longe, antes de me aproximar. Ele balançava a cabeça cumprimentando um a um, criança ou adulto. Mais um, mais um e outro. Tinha ido à igreja naquele domingo. Rebelou-se, na tarde abafada de indecisão primaveril entre chuva e céu aberto. Disse que era domingo e, por ser domingo, decidiu não abrir a firma como qualquer outro trabalhador da cidade. Não há crise na loja de Marcos, que

funciona quando ele quer. “Tudo pra mim é felicidade. Cada dia é um novo dia”, garante, organizando as sacolas de roupas usadas que ganhou.

Enquanto conversávamos, uma mulher que ele sempre vê e que corresponde aos cumprimentos passou com mais três amigos. Marcos, como de costume, acenou. Dessa vez, no entanto, não teve resposta. Testemunhei Marcos indignado como eu nunca tinha visto. “Está vendo só? No meio dos turistas, ela finge que não me conhece e me ignora. Essa sociedade é que é boa? Essa é a certa? É assim que a sociedade trata o ser humano? Isso é como uma facada no peito. Não é novidade para mim, mas cada vez é um tapa na cara. Se ela soubesse que estou com uma repórter, talvez viesse falar comigo. Aí eu te pergunto: isso é um ser humano? Ser humano sou eu!”.

Esse texto é sobre um sonhador à procura da liberdade certa, como ele me diz. “O que é a liberdade certa?”, pergunto. “A liberdade certa é ter uma casa, poder entrar sem ser incomodado. Sentir a casa dentro de mim. Saber que é minha mesmo. Poder abrir a geladeira a qualquer hora sem ninguém me mandar fechar.” Calada estava, calada continuei. “Liberdade certa é passear com qualquer pessoa sem ninguém me criticar. Sem ninguém me julgar. É poder entrar num restaurante e as pessoas de lá te tratarem como ser humano.”

Enquanto estamos juntos, Marcos acha que está sendo mais visto porque, diante dele, aponto uma câmera de celular. “Estou sendo fotografado, por isso estão me olhando como nunca olharam”, diz, acrescentando que quem dorme na rua sofre por coisas que quem tem chuveiro elétrico nem imagina. Brinco que o olho dele é meio “azul marinho” e, às vezes, parece mudar de cor. “Meu olho é assim. Por isso eu encanto muita gente. Por isso sou encantador”, ele me responde. “O que me faz crescer na vida é a minha sinceridade”.

Marcos é um ser humano. Não um “ser humano ao contrário”, como ele chama aqueles que só se importam com a dor que leva ao hospital. Marcos é um ser humano que cuida primeiro dos ferimentos invisíveis da alma. Repetir inúmeras vezes que vive em um mundo ilusório é quase um atestado de consciência da tênue linha entre a loucura e a cruza da solidão. “Eu vivo num mundo de ilusão. Mas vou vivendo e sorrindo. Sonho em conseguir uma casa, mas eu sei que nunca vou conseguir. Posso juntar todo o dinheiro que eu tiver, mas a verdade é que eu não vou realizar nada. Preciso viver na fantasia, não na realidade. Que a realidade sufoca.”

### 4.3. Reportagem 3: Maria reaprendeu a sonhar

Três horas e alguns solavancos levam Maria ao fim do mundo. Quase nenhum turista chega lá. Fica perto da Rua Rodrigues Campelo, na esquina do campo de futebol do Caidinho - como chamam o time de futebol dos aposentados da Marinha, que batem bola entre as montanhas da Zona Oeste. O nome do bairro dá ideia de imensidão: Campo Grande, território do Caidinho, do Miécimo e da padaria do Chicão, que virou até açougue. Para ir do Centro do Rio ao trecho final da Estrada do Moinho é preciso, antes de tudo, ter disposição.

O ritual de viagem exige que os três cartões de gratuidade estejam a postos, fora da bolsa. Cada cartão é a salvação para um tipo de transporte. Do sinal sonoro da primeira estação até o tilintar das chaves de casa, são R\$ 24,20 em passagens, encarando os cerca de 60 quilômetros entre um ponto e outro de metrô, ônibus e trem. Se dependesse só da aposentadoria de um salário mínimo, Maria ficaria pelo caminho.

Depois descer as escadas da Uruguaiana, girar a catraca do metrô e atravessar a Presidente Vargas por baixo do chão, é hora de encarar a Central do Brasil apinhada de gente. Aqui, o embarque só pode ser feito depois de validar o cartão no guichê dos idosos. Passos acelerados são a regra número um para não perder o trem da vez. Ramal: Santa Cruz. É a saga de todo santo dia, exceto sábados e domingos, quando a universidade não dá expediente.

Na ala dos que têm mais de 60 anos, Maria é prioridade. A regra é não viajar em pé. Do primeiro ao último sinal sonoro, o percurso contabiliza vinte e sete estações até Campo Grande, onde circula a terceira condução da rota. Quando um ônibus da linha 837 se aproxima, Maria agradece: está cada vez mais perto de chegar em casa. “É aquela história, não é, Amanda? Aquilo que não me mata, só me fortalece”.

O que para muitos é o fim, para ela é o começo do mundo. Sua casa tem um quarto, uma sala com dois sofás, uma televisão de tubo e um portão onde se lê “vende-se sacolé”, escrito à mão numa folha de papel. No alvorecer de todos os dias em Campo Grande, uma mulher pequenininha desperta valente. Diante da cama, a prateleira branca recém-projetada guarda livros e papéis da faculdade. Aos 65, Maria é uma dos setenta e seis estudantes com mais de 60 anos matriculados entre os quarenta mil novos alunos da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2016, segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).



## Universo-idade

Compartilhávamos o primeiro período do curso de Ciências Sociais, no 4º andar do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da UFRJ, no primeiro semestre daquele ano. "Estou adorando todas essas coisas para ler. Antes eu vivia em um mundinho muito pequeno, estreito. Ler me abre para tantas coisas...", Maria dizia, organizando entre os dedos enrugados nomes como Gertz, Platão e Montaigne.

A experiência da vida cotidiana, mais larga com o tempo, era em tudo diferente do conhecimento trazido pela leitura. Isso Maria descobriu cedo, como se ler fosse a chave para todos os questionamentos das estruturas do mundo como ela conhecia. Viver ficou maior. "Eu me sinto como no mito da caverna de Platão. Chegar à universidade foi a minha luz". Há, sem dúvida, certa estranheza por ter mais idade que todos, quando olha ao redor na turma. Mas sentir-se algumas vezes excluída vem menos do comportamento dos colegas e mais do peso de um corpo velho ao lado de cabelos coloridos e *cropped*s.

Aos menos entendidos do assunto sobre sua fase universitária, Maria tem paciência para explicar. Certa vez, uma amiga perguntou se o compromisso diário da estudante era na autoescola. "Resolveu aprender a dirigir?", pensaram. Noutra vez, uma mulher da vizinhança pediu que ela checasse se era possível conseguir uma vaga para a filha, que estava prestes a concluir o ensino médio. Outra perguntou se o propósito de Maria com o curso é virar assistente social. "Mas o pior foi me perguntarem se eu estava estudando para entrar para a política, já que tenho matérias nesse campo. É mole?".

Maria responde a tudo com fala mansa, revira o olho e ri, escutando rock and roll. "Pela minha renda, talvez pensem que eu gosto de sertanejo. Mas estou mais para o rock e para a bossa nova". A mistura de ritmos e de bandas só não é maior que o gosto pela mistura de "gentes". Conviver com "gente jovem" é uma das melhores coisas do ambiente acadêmico. "Aprendo sobre diversidade. Crio reflexões e quebro preconceitos. Questiono algumas coisas que achei que eram certas ao longo da vida, vejo que nada é natural. O mundo é além. Eu me desconstruí muito para me reconstruir". Falam de Netflix e ela fica por fora, mas se empolga em tentar entender.

Passava da metade do primeiro período, quando Maria andava muito animada para aprender a fazer resumo e resenha, importante "para que eu me sinta menos perdida enquanto leio os textos". Semanas antes, uma aula havia lhe tirado um pouco do entusiasmo de fazer perguntas, que logo se consertou, mas ainda gera tumulto.

"Perguntei à professora se o banzo causava algum tipo de dor ou problema físico aos negros que sofriam de tristeza profunda. Ela disse que era uma bobagem o que eu estava perguntando, mas depois consegui esclarecer com outro professor. Para mim, as coisas andam juntas: somos alma, corpo e coração".

No outono de 2016, numa quinta-feira, a chuva de abertura da manhã atrasou os camelôs do entorno da Igreja de São Francisco, e já se aproximava das nove horas quando as primeiras barracas iam sendo montadas por ali. Algumas lojas só levantaram as portas quando a coisa foi acalmando. Pela rua, era um tal de pular as poças d'água e torcer para não encharcar o pé. Na Buenos Aires, quem não tinha como se proteger ia aproveitando o toldo das lojas abertas. Quebrava mesmo o galho até chegar no campo de Santana, especialmente agitado por uma feirinha de food truck.

Foi nesse dia que convidei Maria para nosso primeiro café. Fazia poucos meses que as aulas tinham começado. Sugeri a Confeitaria Colombo, um pouco desconcertada. "Lá não é muito caro, Amanda?". Contava-me histórias das aulas que mais gostava, do sonho em trabalhar com terra e sementes, da vida dura ao lado do marido. Abraçávamos uma à outra em meio ao vaivém da Gonçalves Dias enfileirada de guarda-chuvas, quando ela me olhou firme e disse: "Preciso te agradecer. Seu gesto fez com que eu me sinta incluída de verdade. Alguém me viu. Quando os dias estiverem difíceis, eu vou me lembrar e vai ser como um bálsamo".

### **Uma casa quase no campo**

Maria Jorgina dos Santos nasceu filha única em 10 de junho de 1952. Tem três filhos, uma matrícula na universidade e muitos sonhos. Perdeu o pai aos 12 anos e a mãe aos 21. De amor, restou o marido. Casada ficou dos 18 até quando não aguentou mais. Às vezes esquece a porta de casa aberta, como se vivesse numa cidade oposta à que sai na manchete dos jornais. Do parapeito da janela do quarto, observa uma fileira verde com lampejos de cores diversas que trazem alegria. Na terra onde põe a mão, nasce chuchu, limão, coentro, manjerição, hortelã, figo e erva cidreira.

É sábado, dia ensolarado de setembro de 2017, e Maria faz pose para uma foto na calçada da vizinhança. Passa a mão nos cabelos pretos com quase nenhum fio branco ("eu sou negro com índio, Amanda, demora a embranquecer"), ajeita a bainha da blusa, posiciona-se ao lado de uma árvore e não sorri, como fazem os mais velhos, menos

acostumados às fotografias digitais. Naquele dia, ela entendeu que teria a história contada numa reportagem. “Estou me sentindo muito chique”, gargalhou.

O sol se debruçando sobre cada folha de árvore anunciava o entardecer. Poucas roupas no varal dos fundos. Um quintal com quinquilharias, mato crescendo, saco de cimento pela metade e cacos de vidro no muro baixo que separa Maria do vizinho à direita. O perfume fica por conta dos crótons, das maravilhas, ixoras em tom salmão, grama japonesa e galhos que chamam os passarinhos.

Há cacarejo de galinha se parar para observar. Mas quase tudo é silêncio, perto ou longe, entrecortado algumas vezes pelo barulho do ventilador ou de uma colher caindo no chão, enquanto Maria prepara panquecas de dois sabores para a visita. “Não imaginava que você viria à minha casa! Adorei. Que bom, Amanda...”

Sete gatos são a sua principal companhia. Cinco fêmeas, Estrela, Surama, Penélope, Mila e Mocinha, e dois machos, Negão e Precioso. Quer doar alguns, mas não encontra quem os acolha. “Meu plano nunca foi ter essa população. Eles geram um gasto surreal pra mim, não posso cuidar de todos como gostaria. Acabo sendo uma pessoa muito incoerente: economizo dinheiro em tudo, mas não me importo de gastar com meus gatinhos”, diz.

Os amigos preferem, no geral, o que ela não gosta: shopping. Na falta de companhias para se aproximar da natureza, Maria se contenta com os livros. “Enquanto estudo, não tenho tempo de me sentir só”. Mas é um “só” que vem sempre acompanhado de vizinho-metade-filho em casa para trazer café, consertar o computador, convidar para um passeio qualquer ou apenas dividir a internet. Todos nas redondezas mais próximas sabem que ela mora sozinha.

## **Travessia**

Filha de migrantes nordestinos, Maria ainda era bebê quando o pai e a mãe resolveram se mudar para o Rio de Janeiro. Buscavam melhores condições de vida: menos prateleiras vazias, mais oportunidades de trabalho. A menina foi registrada na nova cidade. “Minha mãe dizia que saber assinar o meu nome e ter um marido era o bastante para eu ser alguém”. Ninguém sabia direito o que era estudar. Maria deixou de ir à escola antes de concluir o ginásio, para usar um termo da época, porque no orçamento da família não cabia uma preocupação desse tamanho. Como o pai era muito doente, quase tudo ia para os remédios.

Quando canta “Maria, Maria” do Milton Nascimento, Maria muda um detalhe na letra: ao invés de “uma mulher que merece viver e amar como outra qualquer do planeta”, Maria diz “uma mulher que merece viver e ‘ser amada’ como outra qualquer do planeta”. É sutil, mas significa muito. É mais sobre receber do que sobre dar. O que faz até sentido diante da vida amorosa da Maria real, fora da música. Ela repete o trecho com a frase trocada, os olhinhos brilhando, o sorriso feliz.

Maria nunca saiu do Brasil. “Nem no Uruguai eu fui, mas eu pretendo viajar muito ainda, viu? Peru e Chile são minhas prioridades. Sou encantada pela agricultura indígena”. Apesar de ter morado em outros tantos bairros entre a Baixada e a Zona Oeste, Campo Grande acabou sendo um cenário habitual por conta da proximidade com o quartel militar onde o marido trabalhava. E lá se vão mais de 47 anos, Maria, morando no lugar onde viveu por mais tempo.

Tem muita história essa mulher. Começou a trabalhar descascando bananas, numa fábrica de doces da fruta. Tinha 13 anos. De lá para cá, trabalhou com costura, crochê, fez bolo e salgadinhos para vender e foi funcionária de lojas no comércio de Nova Iguaçu. “Minha vida sempre foi muito parecida com a de qualquer dona de casa no subúrbio”, conta.

Não conseguiu concluir a escola ainda na juventude porque o marido não deixou. “Ele chegava, eu fazia um café, ele dormia durante quinze minutos e saía. Passava dias e dias até voltar. Se chegasse e não me encontrasse em casa, ele me agredia”. Era possessivo e ciumento. Maria precisou cancelar várias matrículas porque não podia desbravar qualquer território distante da cozinha de casa, segundo as regras do machismo vigente. Em 1993, separou-se. “Uma das coisas de que eu tinha pavor era me envolver com homem só por carência. Viviam me dizendo que é muito ruim ficar sozinha. Por que é? Eu já era muito sozinha dentro do meu casamento.”

Só em 1998, aos 46 anos, concluiu o ensino médio. Conseguiu o diploma no CIEP Guilherme da Silveira Filho, em Bangu, perto da Escola Municipal Jornalista Sandro Moreyra, onde trabalhava como merendeira – e de onde saía do refeitório para a sala de aula, ao fim das horas cumpridas. Morava na Rua Bico do Lacre, uma via paralela. Esperou a aposentadoria chegar para apostar as fichas no ensino superior gratuito.

É gente de fé. “A partir do momento em que você acredita em algo, aquilo tem muita força. Talvez você ache engraçado, mas eu vejo Deus como uma célula no meu corpo. Deus é algo vivo e que me dá vitalidade”, diz, acrescentando que a primeira coisa

que pensa é que não pode “andar errado” se quer alcançar Deus. “Senão eu perco a conexão com ele, que é tão precioso pra mim. A célula de Deus é um sopro. Não conseguimos viver sem ar. Eu não consigo viver sem ele”.

### **Reaprender a sonhar**

Dentro do vagão lotado das 16h30, Maria não usa fones de ouvido. Tem pressa. A rotina acadêmica lhe rendeu alguns quilos a mais, os horários mudaram muito e a hora de comer virou do avesso. Seis horas por dia no transporte público poderiam ser mais aproveitadas se ela pudesse se concentrar entre as teorias das apostilas. Mas o celular, que mal dá pra navegar na internet, não teria bateria que aguentasse. Além, claro, “dos meninos que fazem shows, e que eu tenho que parar para ver porque eu adoro”, referindo às manifestações artísticas gratuitas que poetizam a viagem.

Esses são dias de ligar a TV e ouvir no noticiário sobre roubos a caminhões de carga em rodovias de acesso ao Rio, com o envio da Força Nacional para tentar controlar. De janeiro a maio de 2017, por exemplo, foram mais de quatro mil roubos de carga, uma média de 27 por dia em todo o estado. Número que só cresce desde 2013. O trem vai cheio de produtos marcados pelas mãos do crime. Salame, iogurte, carregadores portáteis, cigarro, queijo ralado, chocolates, pano de chão e outros utensílios domésticos. Todos os produtos saem mais baratos do que no comércio legal.

Vende-se de tudo, mas do bolso da Maria não sai um centavo. Uma frase guia a principal motivação: “Não deixe que as atitudes dos outros mudem a sua conduta”. O argumento, falando sobre os artigos revendidos no trem, é de que a compra é uma forma de alimentar a violência na cidade. “Esse cálculo não vale a pena pra mim”, conclui.

Preocupada com o andar das coisas, ela se intriga quando começa a refletir sobre a “beleza da vida que se perde” por conta da internet. “Minha neta vem aqui para a minha casa e fica só mexendo no celular. Eu fico triste, percebo que ela está estranha, que estamos perdendo a conexão. Antes conversávamos muito, mas uma amiga disse que daqui a pouco ela volta”. Além do diálogo reduzido com a neta, ela diz que vê em alguns conhecidos uma preferência por ficar em casa “mexendo no computador” do que sair para passear e aproveitar a cidade.

Maria olha encantada para as luzes da Colombo, girando a cabeça em contemplação lenta, levando o pensamento longe. “Eu gosto da modernidade, mas esses negócios retrôs são muito bons. Li sobre o Rio Antigo nos livros de Machado de Assis.

Ele gostava de falar disso, não é?”. Se eu não interromper, Maria vai falando. De Machado, puxa um assunto sobre o descaso dos governantes com a preservação da memória das cidades. “Estão destruindo tudo no nosso país. Tento continuar firme. Ainda tenho muito o que fazer pelas pessoas. Sonho em construir uma ecovila, tudo baseado na agroecologia...”, ela diz. Seu maior objetivo é trabalhar com agricultura sustentável, estudando alternativas que respeitem todo tipo de vida no planeta.

“Quando chegar à minha idade, você vai ver quanta riqueza tem dentro da gente. Neste momento, com a universidade, estou pegando a minha experiência de vida e refinando”, ela diz. “Você é muito poética, Maria!”, respondo. “Você acha? Deve ser meu pé lá na roça... Todo caipira é meio poeta. A natureza é pura poesia, você não acha? Uma flor se abrindo de manhã?...”.

Pergunto se ela escuta muito as pessoas dizerem que sua casa fica nos confins do fim do mundo. Ela responde que ouve sempre, incluindo outros sinônimos. Mas não se importa, e ainda pontua: “Engraçado que no Recreio não é o fim do mundo, não é? Chamam de nova Miami. Quem trabalha no Rio e volta todo dia para Búzios ou Petrópolis também não volta para o fim do mundo. Essa discussão é sobre poder aquisitivo”.

Quase três horas e alguns solavancos levam Maria para bem perto de “onde Judas perdeu as botas”. “Me perguntam: como consigo? Sei que tudo está contra mim e, mesmo assim, vou em frente.” Na tarde em que fui visitá-la para esta reportagem, ela já foi avisando, logo que desembarquei do trem: “Você vai ver o meu trajeto para ir e voltar do IFCS e vai pensar: essa mulher deve ser louca. Não, eu sou determinada”.

#### **4.4. Reportagem 4: Marcondes, um brasileiro extraordinário**

Marcondes Soares da Silva é um ex-ajudante de obras que venceu na vida e não sabe. O mundo tem muito a aprender com ele. Na frente do espelho, enxerga-se como alguém que sobreviveu, apenas, mas quem o escuta com atenção percebe que não é bem assim. Nasceu da persistência dele a primeira biblioteca da zona rural de uma cidadezinha paraibana que não foi ensinada a ler. Migrante nordestino no dorso do cartão-postal, o rapaz desembarcou perdido no meio do que via só pela televisão.

Acertou o caminho quando apostou em livro, encantou-se com a descoberta e quis mostrar pra mais gente.

A mesma terra que pariu Ariano Suassuna pariu Marcondes Silva. O menino chegou pelas mãos das antigas parteiras do sertão, atravessou a ponte que separa o país dos que têm fome e dos que desperdiçam o que comer, alçou voos distantes e decidiu que era suficiente. Sobrevivi – ele garante. A vizinha mais conhecida da sua cidade-berço é Campina Grande, famosa pelos festejos de São João durante os meses de junho e julho. No semiárido do coração do Brasil, uma infância entre a chuva pouca e o mormaço na moleira do agreste profundo: Marcondes venceu.

É natural de Queimadas, área rural de Serra Redonda, a mais ou menos 120 quilômetros da capital da Paraíba. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010 a população do município era estimada em sete mil habitantes. Menos de 10% que a população de Botafogo, com quase oitenta e três mil pessoas, bairro onde Marcondes passou a maior parte do tempo em que morou no Rio de Janeiro – história que só começa quando ele faz 19 anos.

O pai foi embora quando o menino tinha um ou dois anos de idade, porque precisava arranjar dinheiro para criar os filhos. A mãe, analfabeta, continuou a se dividir entre os afazeres da casa e da agricultura, como acontece desde que se entende por gente. Marcondes começou a trabalhar aos dez anos e deu a escola por finalizada na antiga quarta série. Capinar foi seu primeiro verbo conjugado como ofício, revezando com o leva e traz de panelas de comida para os trabalhadores mais velhos na roça. Mas esse não poderia ser o seu destino porque, quando crescesse e a situação financeira apertasse, ele teria que buscar outras alternativas.

Aos 18, mudou-se para João Pessoa e conseguiu o primeiro emprego. Função: servente de obra, sem carteira assinada. Trabalhava e dormia no mesmo pedaço de chão. “Naquele tempo, o dinheiro rendia muito. Para quem antes ganhava de cinco a dez reais no campo...”. O “muito” valia 80 reais por quinzena, sem transporte e sem almoço. Durou um mês e uma semana, foi dispensado com uma mão na frente e outra atrás. Gastou algumas tentativas procurando algo novo, não encontrou e resolveu fazer como o pai, Antônio Soares da Silva: migrar para onde tivesse mais oportunidades.

Como seu Antônio saiu de casa cedo, o filho só o conhecia por foto, enviada pelos Correios e tirada dentro de uma das inúmeras obras que ele ajudou a construir na cidade grande. Para a mudança, Marcondes comprou duas peças de roupa, uma cueca, uma mochila e a passagem. Não lembra o valor, mas lembra que não pregou o olho nem

por um segundo dentro do ônibus, desde a rodoviária de Alagoa Grande, município próximo de Queimadas, até o desembarque na rodoviária Novo Rio, na capital fluminense. O ano era 2001. A mãe começou a chorar bem antes do abraço de despedida. Dizia que não ia dar certo, que o filho ia sofrer sem necessidade. “Ainda bem que pela primeira vez uma mãe estava errada”, Marcondes brinca e ri.

Ele não chorou na viagem, mas estava triste. Sentia medo e incerteza. Conta que, à medida que se afastava do estado da Paraíba, um filme ia passando na cabeça. Será que vai dar certo? Será que vou reconhecer o meu pai? Será que meu primo estará na rodoviária para me apresentá-lo? Quando cruzou a ponte Rio-Niterói, ficou impressionado. Achou que a água azul era um açude, como chamam nas brenhas do interior o manancial com respingos de água para aquecer. “Fiquei abismado com o tamanho. Só depois entendi que era o mar”.

Desembarcou, levantou a cabeça e desejou sorte para a moça que viajou ao seu lado com o mesmo propósito. Olhava para todos os rostos à procura do primo Cláudio, elo entre Marcondes e o pai, o desconhecido. Antônio já estava na plataforma. Ele e o filho trocaram um cumprimento morno porque a falta de convivência criou gestos encabulados entre os dois. Pegaram um ônibus para o Jardim Botânico, onde o pai morava, entre os peões da obra de construção civil. À sombra do Cristo, Marcondes dormiu a primeira noite na cidade que o acolheria pelos próximos catorze anos.

Quanto aportou no Rio, Marcondes se sentia um estrangeiro no próprio país. Era mais um dos sete milhões de nordestinos com endereço no sudeste em 2001, segundo dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), à procura de melhores condições de vida. Desacostumado com prédios e grandes edificações, ele achava tudo fascinante. Chegou num domingo. Nunca tinha visto tantas pessoas juntas. Era gente demais para quem mal se distanciava do quintal de casa. Na segunda-feira, às 5h da manhã, Seu Antônio levou o filho até uma obra residencial quase pronta, na Rua João Lira, nº 46, Leblon.

“Menino matuto e com vergonha de falar”, como Marcondes conta, ficou sentado em um tijolo por mais de quatro horas até ser atendido, porque não deu nenhum sinal de que procurava por alguém. Um pedreiro o viu e perguntou o que ele estava esperando, quando respondeu que estava ali a mando do “doutor Zé Luís”, o supervisor, homem conhecido do pai e fundamental para que o jovem migrante conseguisse um salário em troca de seu suor. Marcondes juntou-se ao grupo de operários no dia seguinte.



Ele lembra que, nos primeiros anos do pai – de sol a sol, sem trégua –, o trabalho braçal era em meio ao som da betoneira funcionando. “Naquele tempo, não tinha tanto maquinário avançado na construção. Hoje, a usina já traz o concreto pronto”. Mas uma coisa não mudou muito entre uma e outra geração: tanto Antônio como Marcondes passaram noites e noites ao lado de entulhos, improvisando o descanso em colchonetes que coubessem onde desse para encaixar.

### **Paixão pelos livros – a descoberta**

Quando avistou as mochilas nas costas dos meninos do Leblon, do alto da laje do prédio onde quase tudo começou, Marcondes quis ter entre os dedos menos marcas de calo e cimento e mais folhas de papel. Sob o calor escaldante, ordenou a si mesmo: “se realmente quero alguma melhoria para minha vida, não é com uma marreta e um ponteiro, e sim com uma caneta e um caderno”. O filho do seu Antônio não se intimidou, arregaçou as mangas e pôs o sonho pra trabalhar.

Os adolescentes que passavam uniformizados iam em direção ao Colégio Santo Agostinho, numa rua paralela ao trabalho de Marcondes. “Eu achava que o colégio era público e fui com um amigo para me matricular. Quando chegamos, vi que era privado, então me encaminharam para um teste no EJA - Educação de Jovens e Adultos”. A primeira formatura foi lá. Refez a quarta série, onde havia parado, e concluiu a oitava. “Era o primeiro passo, um momento de muita alegria. O meu sentimento era de realização, como algo que me dizia que eu podia ser o que eu quisesse”.

Do supletivo, foi para o colégio Santo Alberto Magno, garantir o ensino médio, também com EJA. Estudava à noite. Na caminhada, fez bons amigos, gente de diferentes favelas cariocas. “Às vezes dava vontade de desistir, mas a gente dava força um ao outro”. Além das dificuldades para acompanhar as matérias, com uma bagagem de conteúdo reduzido, Marcondes ainda encarou muito preconceito. Na obra, driblava as piadas dos colegas sobre sua perseverança “nesse negócio de querer estudar”. “Vai à escola pra quê?”, criticavam, em tom de chacota.

“Tudo o que eu via na cidade era o movimento em torno do estudo. Isso me despertou”, disse. Foi aí que veio a ideia da primeira biblioteca de Queimadas. O projeto surgiu em 2013, “nos jardins do Centro Empresarial Botafogo”, como ele gosta de especificar, em meio a “reflexões sobre a vida”. Ganhou o nome da mãe: Maria do

Carmo. O convívio com professores e estudantes entusiastas da leitura fez Marcondes enxergar na biblioteca um caminho de possibilidades.

Mandava livros com frequência, de acordo com a situação financeira de cada período. Trabalhou ainda como faxineiro durante poucos meses em uma escola de elite, vendo meninas e meninas terem tudo o que ele não teve. Boquiaberto e feliz diante de crianças falando inglês aos seis anos, bateu o martelo, dessa vez em outro departamento: "realmente, o caminho é a educação", acatou.

Em outubro de 2015, o dono do sebo Baratos da Ribeiro, Mauricio Gouveia, ficou surpreso ao saber que Marcondes, cliente assíduo, não estava concluindo mestrado nem doutorado. O paraibano passou no caixa carregando "Cinco escritos morais", do sociólogo italiano Umberto Eco, "Filhos do céu – entre vazio, luz e matéria", um diálogo entre a ciência e a filosofia escrito por Edgar Morin, "Mudança estrutural da esfera pública", do filósofo alemão Jürgen Habermas e "O acaso e a necessidade", do francês Jacques Monod. Ligado no perfil dos livros que Marcondes costumava levar, Maurício perguntou qual era a sua área de pesquisa. Veio a surpresa: "Terminei o ensino médio e estou me preparando para o ENEM", Marcondes respondeu, acrescentando o desejo de se formar em Pedagogia ou Letras.

A segunda formatura foi como técnico em administração, mas ainda era muito pouco pro que ele sonhava. Morando no Morro Dona Marta, acabou conhecendo o pré-vestibular comunitário Invest, dentro do Colégio Santo Inácio, por meio de uma amiga. E mais uma vez voltou para a sala de aula, agora vislumbrando o ensino superior. Para quem já tinha sido fígado pelos livros, o amor só aumentou. "O belo dessa vida, para mim, é tudo aquilo que já aprendi, estou aprendendo e irei aprender com as pessoas que me cercam".

Aproximadamente 1.080 livros, 50 revistas e apostilas viajaram do Rio de Janeiro para Serra Redonda aos cuidados de Maria do Carmo Aleixo da Silva, a mãe. Muitos deles comprados em sebo. A média era de duas caixas por envio, mas já foram até quatro. Antes de deixar o Rio, Marcondes conseguiu mandar mais de oito caixas pesadas em um frete de caminhão com bom preço, que descobriu depois de dois anos gastando mais dinheiro do que podia. Outros 300 livros chegaram por fontes diversas. Em outubro de 2017, o acervo da biblioteca estava em cerca de 1.400 livros, número que só aumenta.

As últimas caixas saíram da Ladeira dos Tabajaras, onde Marcondes morou numa casa dividida em oito quartos, próxima ao cemitério São João Batista. Limpava

banheiros e regava plantas para abater o valor do aluguel. Perdeu alguns livros no morro porque algumas vezes a casa enchia de água ou de esgoto trazidos em dias de chuva forte. “Se leu ‘O cortiço’ entenderá melhor”, ele indica.

Nesse lugar, descansar era um desafio. “As rotinas de cada morador eram muito diferentes, e isso me atrapalhava na hora de dormir. A proprietária morava em cima da minha cama. Como esquecer do salto que pisava sobre o assoalho de madeira já corroído pelo cupim?”. Marcondes dividia banheiro, geladeira, e fogão. “A vida não era fácil, como não é para muita gente. Mas, por dentro de toda essa realidade, fui fortalecendo os meus objetivos, entre os quais o de continuar os estudos.”

### **Como nos encontramos**

Esbarrei na história de Marcondes por meio de Getúlio Fidelis, coordenador do pré-vestibular comunitário Invest, onde fui voluntária na equipe de Linguagens em 2015 e onde Marcondes estudou. Getúlio compartilhou no Facebook uma campanha convocando para a doação de livros à biblioteca Maria do Carmo, na Paraíba. Marcondes estava de partida, o que me provocou ainda mais a querer sobre o nordestino que romperia o discurso clássico da migração no Brasil. Ao invés de se estabelecer "para sempre" no sudeste, optava pelo retorno.

A partir de um primeiro encantamento, somado à curiosidade pela história daquele rapaz, procurei Getúlio e cheguei a Marcondes. Às vésperas do embarque de regresso, teríamos cerca de dois dias para marcar um encontro. No dia exato da viagem, pela manhã, Marcondes me recebeu próximo ao metrô de Botafogo, na Voluntários da Pátria. De lá fomos para um bar na mesma rua, onde tomamos café e passamos quase toda a manhã conversando sobre a sua vida.

Marcondes viajou para o Rio por terra e voltou para casa pelo ar, de avião. Dias depois de chegar à terra natal, ele me escreveu pedindo a foto que fizemos juntos na praça do metrô, dizendo que o cenário era importante. “Foi ali que passei a maior parte do meu tempo estudando e pensando em tudo o que estava acontecendo na minha vida”. Nosso contato se manteve pela internet, entre uma e outra conversa sobre a biblioteca e as novidades de Serra Redonda.

## **Paisagens do nordeste**

Por todos os anos em que viveu longe da mãe, Marcondes foi inconstante no desejo de voltar. Muitos dias de saudade, solidão e dúvida. Se retornasse, estaria ao lado de quem mais ama, mas dificilmente teria as mesmas oportunidades de estudar. Foram muitos invernos e verões em dois lugares, mesmo que em pensamento. Até que o dia 27 de outubro de 2015 se tornou um marco porque, ali, Marcondes nasceu outro. Arrumou as malas de volta aos quase 15 anos longe do ninho.

Até hoje não se pode afirmar que foi um retorno definitivo. Está na baía do tempo qualquer indício de resposta. Disposto a recomeçar, carregou principalmente as riquezas culturais do universo carioca, a beleza e as pessoas. “Cada conversa foi essencial na minha formação. Saio da cidade maravilhosa com a certeza de que tem pessoas que realmente fazem a diferença e podem, sim, mudar o país que habitamos.”

No dia 20 de dezembro de 2016, Marcondes escreveu, comemorando a chuva: “Os pingos que caem sobre o telhado seco neste exato momento enchem de esperança o nordestino que necessita da água para sua sobrevivência. Por esta parte do Brasil, a escassez de água tem maltratado muito nossa população. Escutar este barulho de chuva e esse aroma do cheiro da terra é um presente antecipado de natal”.

Oito dias depois, voltaria à celebração: “Tanta gente lhe aguardando, desejando que viesse o quanto antes, orando para que não faltasse e, enfim, você chegou. Encheu nosso ser de alegrias, diminuiu nosso sofrimento, amenizou nossos custos, molhou o solo seco, deu vida às plantas. Provocou correria nas pequenas e grandes moradias e trouxe o sorriso de volta. Encheu nossas cisternas, caixas, baldes e panelas. Tão generosa és tu, natureza, em nos dar esse presente de ano novo... Com a esperança renovada, chegaremos ao próximo ano prontos para enfrentar novos desafios”.

Em abril de 2017, Marcondes, de coração bondoso como ele é, compartilhou no Facebook a publicação de uma amiga se colocando à disposição de algum conhecido que estivesse pensando em suicídio. “Minha porta estará sempre aberta e o celular ligado para qualquer um dos meus amigos (até para quem não é). Sofrer em silêncio não é demonstração de força. Eu tenho suco, água, café, pipoca. Posso fazer uma jantinha e, se der vontade de outra coisa, tentamos comprar! Um amigo será sempre bem-vindo, não importa a hora. Estou aqui!”.

Marcondes é um literato até comentando política. “Ao acordar nesta manhã e regar o pequeno jardim de casa, fiquei alguns minutos refletindo no quanto o Brasil

necessita florescer na política, na segurança, na saúde e na educação. Com tudo o que vem acontecendo no país, estariam os brasileiros condenados a serem fortes? Sem sombras de dúvidas, uma vez que muitos desses cidadãos estão se reinventando para sobreviver. Ou sobrevivendo da maneira que podem. Temos muita coragem para suportar tantos golpes baixos de corruptos e corruptores que têm causado enormes danos à nação”, postou em sua página numa rede social.

### **Literatura como resposta**

Marcondes começou o curso de Pedagogia em março de 2017, na Paraíba, cursou um semestre e precisou trancar por falta de dinheiro. Seus dias no interior giram em torno da administração da biblioteca, que ainda tem menos leitores do que ele gostaria, e da espera por biscates na capital, João Pessoa. Quando está em Queimadas, batalha para dividir com os outros o que a Educação lhe proporciona, engajado na missão de se formar professor para atuar onde nasceu e cresceu, de onde saiu e para onde voltou, apostando que a existência da biblioteca em si já seria transformadora.

O brilho nos olhos e a variedade de títulos não seriam suficientes, Marcondes descobriria depois, porque seria desafiado pelas décadas de não aptidão à leitura sobre as quais a sua gente se firmou a vida toda. Na busca por conquistar leitores, ele também utiliza as redes sociais. Posta convites como: “Coleção de Freud disponível para você, leitor. Basta passar na biblioteca Maria do Carmo e requisitar o seu.” E divulga fotos do espaço, onde tem um mural com uma frase de Goethe: “Ler é a arte de desatar nós cegos”. Mas ainda faltam rodas de leitura que tenham quórum, debates sobre temas da atualidade e reforço escolar para crianças, segundo os desejos dele.

“A questão familiar pesa muito na leitura. A maioria das pessoas vem de família de agricultores, como eu, e não tem o ensino como estímulo. É muito difícil contornar. Não vou dizer que é impossível, mas é difícil”. Apesar de lamentar, Marcondes continua acreditando. É uma gota no oceano a poder contagiar mais alguns. “Não importa se é grande ou pequena, mas é uma biblioteca. Muitos estranham. Para eles, não faz sentido eu investir em algo que teoricamente não dá retorno. Tento convencê-los de que isso é importante. Através da leitura, você pode criar outra visão das coisas, principalmente sobre como somos usados na política. Isso afeta muito o desenvolvimento local. Aqui, as pessoas trocam o voto até por um botijão de gás”, comenta, com sua fala mansa.

Marcondes quer voltar ao mercado de trabalho e conseguir se matricular em uma instituição de ensino na Paraíba, onde ele gostaria de permanecer. Quer atrair leitores que sintam prazer com a leitura, estimulando o senso crítico na população de Queimadas. “Quero tornar a biblioteca um espaço cada vez mais vivo de conversa e diálogo. Obviamente não é solução para inúmeros problemas que nós temos, mas a existência da biblioteca serve ao menos para causar uma perturbação positiva”, ele diz.

Quando escrevi, na descrição sobre o momento em que nos encontramos, que Marcondes "optou pelo retorno", considero que, aqui, a opção é algo importante. Marcondes saiu da Paraíba porque não teve jeito, mas retornou porque quis. Isso é forte quando falamos de gente que quase não tem opção. Marcondes voltou porque foi impulsionado pela saudade e por um sonho que é maior que ele. Um sonho que sai de dentro e alcança o umbigo dos outros, embora envolva também dores, com as quais ele vai aprendendo a lidar. No único dia em que nos vimos pessoalmente, era claro o seu foco: só queria saber do presente que começava naquele agora.

Como estaria em cinco anos? Com que dinheiro viveria? Nada importava mais do que estabelecer a biblioteca como centro da mudança do mundo que ele previa, mesmo que o mundo não abrangesse mais do que o entorno de Queimadas. “Quando você entende que o conhecimento é necessário e indispensável, você fica na ânsia de querer mostrar isso para as outras pessoas. Especialmente as pessoas que você sabe que nunca souberam o valor de tudo isso”, disse. E nada importava mais do que, por meio da biblioteca, aprimorar os conhecimentos que o levariam ao ensino superior. Marcondes continua tentando.

Quando retomamos a conversa para a construção desta reportagem, ele achava que não tinha o que me dizer ou acrescentar porque o projeto não estava “a pleno vapor”, como no cenário ideal projetado alguns anos antes, e que ele ainda estava engatinhando para atingir as metas. Era Marcondes contrariando Guimarães Rosa: “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”. Marcondes continua atravessando.

Onde antes tinha forno a lenha, no quintal da casa da mãe, hoje tem livros e computador. O acervo da Biblioteca Maria do Carmo, na zona rural de Serra Redonda e região metropolitana de Campina Grande, começou do zero e já está perto de dois mil títulos. Seu fundador tirou quase tudo do próprio bolso. É um homem de fé nas coisas pequenas, onde aduba o terreno para chegar ao que é grande. É por isso que venceu na vida e não sabe. Marcondes Soares da Silva venceu na vida porque entendeu o que mais

vale deixar e levar dela, semeando amor em forma de estantes bem organizadas por gênero literário, obra e autor.

#### **4.5. Reportagem 5: A moradora de rua que ouve música clássica em dias de chuva**

Enquanto os carros ao redor andam com pressa, há um carro que sempre vai devagar. Na esquina onde a Rua Arnaldo Quintela dobra à direita para a Rua Rodrigo de Brito, pulsa um dos trechos mais movimentados do bairro de Botafogo, zona sul do Rio, com dezenas de automóveis por segundo e muitos pés no acelerador. As quatro rodas que destoam da correria combinam mais no diminutivo: são rodinhas. Elas que empurram para a frente um velho carrinho de supermercado conhecido da região, alvo certo de olhares curiosos para quem a cena tem cara de novidade.

“É homem ou mulher? Eu nunca soube!”, pergunta uma moradora do prédio de número três da Rua Rodrigo de Brito, dizendo desconhecer quem conduz o transporte. Não custa muito saber, basta observar. Lauracy Serafim de Jesus é mulher, negra e tem um *black power* grisalho, que às vezes tapa os olhos. Está perto de completar 60 anos. “Idade a gente só conta até os 26...”, ela diz, abrindo a janela de um sorriso encabulado, que raramente descola um lábio do outro e revela as falhas entre os dentes.

Laura para alguns, Laurinha para outros. Para muitos, ninguém. Nas estatísticas, Lauracy é um número: faz parte dos cerca de doze mil moradores de rua da cidade do Rio de Janeiro, de acordo um levantamento feito pela Prefeitura. É uma mulher com idade avançada que anda sempre se arrastando e só dorme sentada. Sobre uma lata de tinta, repousa o corpo pesado, todos os dias, encostada em algum canto da rua. Deitar no chão? Nunca mais, desde que soube o que é ser roubada e sofrer maus tratos de homens, em uma madrugada enquanto dormia.

Lauracy nasceu no interior de Minas Gerais. Um vizinho conta que a menina viajou para o Rio destinada a virar empregada doméstica em uma casa do bairro de Botafogo. Certo dia, a família da casa onde ela trabalhava se mudou, o mesmo vizinho garante, e da década de 80 para cá a ex-funcionária vive a perambular pelas ruas da zona sul carioca. Para conseguir dinheiro, lava carros. “Quando termina, ela deixa um bilhete ‘carro cuidado, R\$ 10’, e sai. Não fica esperando pagarem, não”, diz um morador que há trinta anos vive em Botafogo, e desanda a gargalhar.

Entre os dedos e os chinelos carcomidos pelo tempo, ataduras feitas de plástico disfarçam os machucados nos pés de Laura. São eles que definem se ela vai ou não trabalhar naquele dia. “Cada pessoa tem um limite. O meu é quando os meus pés sangram”, diz. Laura usa calça comprida, vive enrolada num saco preto, e a camisa varia pelo menos uma vez por mês. As unhas são grandes e sujas.

Fala baixinho, devagar e não dispensa um cigarro. Usa perfume em spray e também acende incenso quando dá vontade. Pouca gente percebe, mas ela é uma artista. Vive lendo o jornal que ela mesma compra na banca da esquina. Gosta de usar fones de ouvido para ouvir os telejornais e a rádio. Nos dias de chuva, prefere a Rádio MEC, onde sintoniza em música clássica. "Um dia vou te escutar", ela me diz, sabendo do jornalismo em mim. Sabe de tudo. Desenha, escreve sobre os dias, e acumula cadernos no seu armário particular.

Quem era essa mulher antes de parar encostada no poste ou num tronco de árvore? As versões variam muito. Descrita como uma pessoa educada e muito fechada, todos concordam que ela não se relaciona com qualquer um que queira se aproximar. Mas, sobre suas origens, cada morador do bairro tem um palpite. Jacira Rego diz que ela era fotógrafa e vivia em um pensionato em Copacabana com mais noventa garotas. Certo dia, teria sido expulsa de uma festa que ia cobrir, depois de sofrer racismo. Aquilo a teria magoado muito, porque não a reconheceram como profissional. Dali a pouco tempo, passou a morar na rua e deixou de lado a fotografia.

Sérgio Domingues conta que Laura era funcionária renomada de uma revista, há muitos anos. Não sabe quantos. Outro morador da Rua Rodrigo de Brito diz que ela foi por muitos anos babá em um antigo casarão na Rua Arnaldo Quintella, que os patrões morreram atropelados na porta de casa e Laura, conseqüentemente, ficou sem teto.

Laura compra as próprias coisas e nunca pede dinheiro a ninguém. Nem aceita comida de desconhecidos. Tem hora marcada para tudo: o pão da manhã, a quentinha do meio-dia, o cigarro, a coca-cola. Cada detalhezinho é importante. Nem sempre ela organiza as ideias de forma coerente na hora de contar uma história. Solta muita frase desconexa. Vizinhos mais antigos dizem que ela tem esquizofrenia, ninguém sabe se foi diagnosticada de fato, mas ela nunca aceitou remédios.

Seu tempo é personalizado, tem um quê de ser-feliz-do-próprio-jeito tão Laurinha que ninguém imita. Quando quer, e só quando quer, ela levanta e vai, empurrando o estoque de comidas, os papéis velhos de jornais, os produtos de limpeza e o casaco. É a mobília da sua casa pelo mundo.



## **Primeira despedida**

No dia da sua morte, foi uma comoção geral. Laura morreu dormindo, depois de ter passado mal a manhã inteira. No primeiro sinal de mal estar, uma ambulância foi acionada mas ela não aceitou atendimento. No segundo, horas depois, já era tarde. Laurinha, que há mais de 30 anos vivia pelas ruas de Botafogo, morreu. Dói um bocado dizer: Laurinha morreu, não está mais aqui.

Vivia com dores, passava mal com frequência, e os dias frios de inverno insano devem ter agravado todos os problemas que ela já tinha por viver ao relento. Hospital nem pensar. Laurinha recusava sempre. Mas tudo nela sempre foi tão vivo e tão potente que tornar sua história reportagem é uma forma de falar mais alto, para que mais gente saiba dela, de sua existência forte e bonita.

A morte é um terreno sempre pouco decifrável, mas se 'morrer' pressupõe 'ter nascido', essa história é sobre uma mulher que nasceu. Existiu, sim, até 11 de agosto de 2016. Anotei durante meses sobre Laurinha em um caderninho de capa rosa, onde criava seções chamadas "meus dias com Laurinha". Era raro demais um papo prolongado, porque Laura falava pouco. Fato é que ela me ensinava muito mais pelos silêncios, pelo que não falava. Por nossa convivência, eu digo que pouco tem de pesar na história de Lauracy Serafim de Jesus, essa mulher incrível. Tão forte, tão forte.

"Incrível" talvez seja mesmo uma palavra que a defina bem. Laurinha é uma história de muita resistência, de enfrentar esse mundo sempre sozinha. A mim, ela quase nunca falava dela. Sempre se esquivava. Uma vez, disse que fugiu de casa aos 18 anos, de trem. O ponto é: nada disso importa muito, no fim das contas. Na minha cabeça, Laura podia ser todas as histórias, um pouco de cada coisa, ou nada, e por isso mesmo era incrível. Rodeada de mistérios, cheia de significados até quando não falava coisa com coisa aos olhos de quem passava com pressa.

Tinha muita beleza em cada gesto, som, palavra que ela falava, sim, era só prestar um pouco mais de atenção. Linda, corajosa e doce, mesmo que aparentasse difícil. Eu, sem jeito, tocava o ombro pra dizer boa noite. Ela dizia: bom trabalho. Como foi lá no jornal hoje? Tem que olhar para a frente. Para frente é que se anda, Amanda. Não deixe que as pessoas te levem para trás. Siga olhando para a frente. Perguntava da mãe. Falou com sua avó hoje? Como está a família? Em dia de garganta ruim, me receitava chazinhos com toque de limão.

Um dia eu perguntei quando era o aniversário dela, e ela só disse que “nasceu no natal”. Confirmei pela identidade que Sônia guardava, dias depois, que Laurinha aniversariava mesmo em dezembro. Impressionante como posso falar em sentir falta de ao menos vê-la de longe, nesse caso assim meio atípico de afeto transformado em saudade. Por mim, o nome da rua em que ela mais ficava até mudaria para Lauracy Serafim de Jesus, mas a burocracia mal deixou o desejo avançar um primeiro passo.

### **Segunda despedida**

Cerca de cinquenta moradores de Botafogo se mobilizaram com o auxílio das redes sociais e conseguiram custear o enterro da querida Lauracy, que morreu com 58 anos sem responder a muitas perguntas. A ideia veio do casal Sonia Domingues e Luiz Elson, que há muito tempo mora na Rua Rodrigo de Brito. Era Sonia quem guardava os pertences de Laurinha, como dinheiro e produtos de higiene, além de uma câmera fotográfica.

O grupo arrecadou R\$ 4.177, usou R\$ 3.230 para o enterro e o valor que restou foi doado ao projeto RUAS, que trabalha com população de rua. Parte da arrecadação, em torno de R\$ 700, era da própria Laura, e estava guardado com Sonia, em quem ela tinha muita confiança. Pelo menos cinquenta moradores mexendo no próprio bolso, muita disposição em ajudar, mais o dinheiro de Laura e, pronto, fez-se amor.

Luiz exumou os restos mortais do pai do jazigo da família para liberar espaço no túmulo e garantir o enterro, que aconteceu no dia 15 de agosto de 2016. “Isso não é uma ação minha e da Sônia, é de todos nós, todos vocês que colaboraram para que nossa amiga pudesse ter um fim com dignidade”, disse Luiz, para o grupo de cerca de quinze pessoas que se reuniu na capela A do Cemitério do Catumbi, no Centro do Rio de Janeiro, num cortejo simbólico de despedida.

Pelo menos 30 anos se passaram desde a primeira vez que Sônia viu Lauracy pela primeira vez. Como outros vizinhos, ela trocava cumprimentos matinais e rotineiros quando se mudou para a região, até que, em 1993, abriu uma loja de doces e salgados na mesma rua. Não durou muito e Laura começou a aparecer pedindo para que a vendedora guardasse suas coisas e seu dinheiro, sinalizando uma confiança que Laura não demonstraria ter com mais ninguém. “Ela tinha muitas coisas. Eram várias caixas e muita roupa. Tudo ficava na minha casa. Quando precisava de dinheiro, ela ia à loja e me pedia para pegar o que estava guardado”, disse Sônia.

“Não fazia mal a ninguém. Não fazia mal a ninguém”, repetiu um dos moradores que foram ao enterro. Durante o velório, o grupo de amigos lembrou com saudade e carinho da mineira Laura. Ninguém sabia ao certo como ela foi parar nas ruas cariocas. A única certeza era que ela jamais sairia de onde mais gostava de ficar: entre a Arnaldo Quintela e a Álvaro Ramos, mais precisamente na Rua Rodrigo de Brito, transversal às duas. Mesmo quando tentavam recolhê-la para abrigos, ela recusava.

Quando era mais nova, Lauracy pagava uma diária em uma pensão, onde dormia uma vez por mês e tomava banho com conforto. Nesse dia, ia até a loja da Sônia, na Rodrigo de Brito, e entregava uma lista com os produtos que precisaria naquele dia, pedindo que Sônia pegasse em suas coisas e deixasse para ela na porta. Foram anos assim, até que, em 2011, Sônia precisou fechar a loja e Laura, já mais velha, deixou de frequentar a pensão na Glória, para onde ia andando.

“Ela sempre caminhou muito, por todos os lugares. Deve ser por isso que conheceu tanta gente e se tornou tão querida”, comentou uma das vizinhas que esteve no enterro. “Ô loira!” era como Laura chamava Lúcia Doria, aposentada, que esteve no cemitério. Lúcia ficou sabendo da corrente de doação por meio de um grupo no Facebook que alerta sobre assaltos na Zona Sul da cidade. “Ela sempre me chamava assim. Muitas vezes eu chegava perto dela tão triste e ela me dizia que tudo ia ficar bem, que as coisas iam se resolver”, contou. “Você uniu todas essas pessoas, Laura, e eu estou aqui em gratidão. Muita gratidão”, Lúcia discursou.

### **Nosso encontro**

Contar, recontar, lembrar, contar de novo: tudo nessa história me faz sentir que essa é uma história relevante. Laurinha me apontava o jornalismo que me faz brilhar os olhos. Até agosto de 2016, eu nunca tinha ido a um enterro, não carregava nenhuma memória de velório de ninguém na vida. Nem em matéria, nem em cobertura de algum caso. Nada. Até aquele dia. E aquele dia, tão breve, teve a força de muitos dias.

A cabeça deu uma volta: em 2012, eu, aos 17 anos, deixando tudo em Teresina pra ir ao mundo esvaziar uma mochila pesada de sonhos (e descobrir outros, pois). Na noite em que eu aprontava os meus sorrisos mais bonitos para uma despedida que no fundo era dolorida, mesmo eu me pintando toda de forte, tinha gente me dizendo que tudo ia dar certo. Dar certo é sempre uma questão de perspectiva, eu fui aprendendo, mas o que diziam era que eu iria encontrar “anjos” como “sempre encontrei”.

Em 2016, amigas queridas do Rio me diziam que “tudo ia dar certo” a respeito de outra mudança, em outro momento da vida. Concluimos que “tudo ia dar certo” porque “gente do bem” atrai “gente do bem” e eu gosto de acreditar nisso. A gente vai se descobrindo em meio ao todo, afasta o que é negativo e se une, e se ajuda, e planta e colhe o que for leve. No dia 15 de agosto de 2016, um acontecimento extraordinário parou todas as desimportâncias e me fez escancarar de novo o que, no fundo, vale.

Ao redor do corpo da Laurinha, a moradora de rua querida que chamava a rua Rodrigo de Brito de casa (sim), uma porção de gente desconhecida se reuniu e sorriu e se abraçou com verdade. Todos lá. Todos juntos. Pessoas que nunca se viram, que não tinham o menor contato, de repente conectadas por um mesmo sentimento. Levei semanas pensando isso. Não é pouca coisa, não. E agora que escrevo, me revisito, revisito o que senti. Veja que, dependendo do ângulo, o mundo até que é muito bom.

## 5. Conclusões

Com a evidente pulverização do conteúdo jornalístico na internet, constatei, com este trabalho, que a plataforma digital, embora distribua o conteúdo e reúna pessoas em torno dele, não necessariamente aproxima. A comunicação em rede, ao funcionar sob a engrenagem de bolhas virtuais que agregam ao usuário o que já é simpático ou conveniente a ele, pode acabar afastando o “diferente”, se o jornalista não estiver atento para se desvencilhar dessa armadilha. A rua, a vida que flui das janelas das nossas casas para fora, continua sendo um espaço fundamental de diálogo e percepção da pluralidade de pensamentos e ideias.

Como estar aberto à escuta entre divergentes se, muitas vezes, a internet nos é confortável ao se construir numa seara de debate entre iguais? Ir à rua ainda é a maneira mais eficiente. Não em busca de uma verdade, como geralmente marcha o jornalismo, mas em busca das “verdades” que se cruzam, se interpelam e emergem em meio à multiplicidade da vida.

Um dos motes desse formato de reportagem e guinada subjetiva envolve estar presente, inteiro e disposto. Quando falamos de um “olhar *flâneur*” para a cidade, podemos considerar que essa valorização do cotidiano e do entorno também passa por ouvir com atenção o que surge ao redor, mesmo que seja dentro de uma sala de aula desconhecida, como aconteceu na crônica-reportagem “Maria reaprendeu a

sonhar”. É ver o outro lado da rua, a outra margem do rio, materializando e ampliando o alcance de narrativas reais, vivas, humanas e nossas. É voltar-se para a realidade de forma política, ética e afetiva.

Claro que, sabendo-se o Jornalismo diverso, todas as formas de fazer e de pensar jornalismo devem coexistir. Todas elas são importantes e constituem o pilar dessa profissão na busca pela democracia. Não há dúvida de que o jornalismo é essencial. Os “Jornalisms” da utilidade pública, dos dados, da análise, do furo, dos questionamentos, das denúncias, mas também do material que corporifica em outro tom a condição da vida.

Recuperando a relação com a memória e a História, estabelece-se aqui uma responsabilidade genuína no “ser jornalista”, como um observador contemporâneo e narrador do seu tempo. Aliada à noção de subjetividade, podemos concluir que, entre outras atribuições, reportar é sentir. Um sentimento que também é texto; mesmo que não esteja explícito, mas que de uma forma ou de outra vem no contorno da escolha de cada palavra. Como nos sugere Levinas, em sua filosofia do “ser para o outro”, cuja base do pensamento é a alteridade – um exercício de olhar para o outro feito “outro”, como o que esse outro é, não como uma ameaça.

Saio deste trabalho acreditando ainda mais no valor do humano da narrativa. A atividade de escuta intensa, marginal e periférica, traz para a construção cotidiana do jornalismo a riqueza da “literatura da vida real”. É o mistério capaz de nos ajudar a compreender nossos dilemas. Por isso não é tarefa fácil e, ao mesmo tempo, é fascinante. Esse movimento da Filosofia que se direciona ao outro é também um movimento que atravessa o eu. É importante que os dois caminhem juntos na medida em que a escuta de um é, por conseguinte, a escuta do outro. Para o jornalista, aí está o fio da transformação.

## 6. Referências Bibliográficas

- AMARAL FILHO, Nemézio. **O passo-a-passo da monografia em jornalismo**. Rio de Janeiro: Editora Quartet, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2ed. São Paulo. Martins Fontes, 1997.
- BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. Trad. José Martins Barbosa e Hermerson Alves Batista. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras escolhidas, v.3)
- \_\_\_\_\_. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 197-221. (Obras Escolhidas). V. 1.
- BRUM, E. **O olho da rua** – uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Globo, 2008.
- CANDIDO, Antônio. **A vida ao rés-do-chão**. In: Para Gostar de ler. Vol. V, Crônicas, São Paulo, Ática, 1989.
- CASTILHO, Carlos. **Para que serve a pirâmide invertida?** Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/e-noticias/para-que-serve-a-piramide-invertida/>>. Acesso em 25 de outubro de 2017.
- FRISBY, D. The flâneur in social theory. In: TESTER, Keith (Org). **The Flâneur**. London and New York: Routledge, 1994.
- KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. **Minhas viagens com Heródoto: entre a história e o jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 1995.
- LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: Insular, 2005.
- LAGO, Cláudia. **Ensinamentos antropológicos: a possibilidade de apreensão do Outro no Jornalismo**. In BRAZILIAN JOURNALISM RESEARCH – Vol. 6 – Num. 1 – 2010.
- LAVORATI, Carla. **Confluências entre literatura e jornalismo, um estudo de 1968: o que fizemos de nós**. Revista Unisinos: 2009. Disponível em <<http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/5788>> Acesso em 26 de outubro de 2017.

- LEVINAS, E. **Totalidade e Infinito**. Traduzido por José Pinto Ribeiro. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000<sup>a</sup>.
- LEVIS-STRAUSS, Claude. **Aula inaugural**. In: ZALUAR, Alba G. (org.). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- LOPES, Paula Cristina. **A crónica (nos jornais): O que foi? O que é?**. Lisboa: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Acesso em 20 de agosto de 2017.
- LINS, Consuelo. O cinema de Eduardo Coutinho: uma arte do presente. **CADERNOS de Antropologia e Imagem**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 61-81, 2002.
- LOTH, Luara. **Por uma flânerie do século XXI**. Ensaio apresentado no 1º seminário nacional “Discurso, cultura e mídia”. Florianópolis, 2012.
- LUZ, Cristina Rego Monteiro da. **O rompimento dos aquários: paradigmas de tempo e espaço na produção de conteúdo jornalístico digital**. Disponível em: <<http://www.ecodigitalufrj.com/p/o-rompimento-dos-aquarios.html>>. Acesso em 30 de outubro de 2017.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.
- MATHEUS, Letícia Cantarela. 2010. **Comunicação, tempo, história: tecendo o cotidiano em fios jornalísticos**. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, UFF.
- MORAES, Fabiana de. **O nascimento de Joicy: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem**. São Paulo: Arquipélago, 2015.
- RIBEIRO, Ana Paula G. **Mídia e lugar da história**, in: HERSCHMANN, Micael e PEREIRA, Carlos Alberto M. (orgs.). *Mídia, Memória & Celebidades*. Rio de Janeiro, Ed. E-Papers, 2003.
- PERES, A. C. **Narrar o outro: notas sobre a centralidade do testemunho para as narrativas jornalísticas**. *Galaxia* (São Paulo, *Online*), n. 31, p. 92-104, abr. 2016
- RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.
- ROCHA, R. V. A Figura do Flâneur no Entendimento da Prática Jornalística sob a luz de João do Rio, um caso brasileiro. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, v. 4, n. 1, p. 1 – 81, Setembro/Novembro 2010.
- ROSSETTI, Regina. VARGAS, Herom. A recriação da realidade na crônica jornalística brasileira. *UNIrevista - Vol. 1 , número 3: (julho 2006)*.

SANTOS, Elisa Fernández. Entrevista com Eduardo Coutinho: “Faço cinema sobre as pessoas que não saem no Google”. Disponível em <[https://brasil.elpais.com/brasil/2013/02/19/cultura/1361302232\\_581304.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2013/02/19/cultura/1361302232_581304.html)> Acesso em 10 de novembro de 2017.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUSA, Jorge Pedro. Uma história breve do jornalismo no Ocidente. In: \_\_\_\_\_(org.) **Jornalismo: história, teoria e metodologia – perspectivas luso-brasileiras**. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2008. pp. 12-93.

TUZINO, Yolanda Maria Muniz. **Crônica: uma Intersecção entre o Jornalismo e Literatura**. Ponta Grossa, 1979: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Acesso em 25 de julho de 2017.

WANDELLI, Raquel. **Do indivíduo aos povos: rumo a um jornalismo menor**.